

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS**

Sobre o ensino-aprendizagem da arte e o desenho de observação

Andrea Craveiro Jahn

**Porto Alegre
2011**

Andrea Craveiro Jahn

Sobre o ensino-aprendizagem da arte e o desenho de observação

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Artes Visuais pelo Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Orientadora:

Prof^a. Dr^a. Umbelina Maria Duarte Barreto

Banca Examinadora:

Profa. Dr^a. Andrea Hofstaetter

Profa. Dr^a. Laura Castilhos

Porto Alegre
2011

Agradeço a Prof^a. Dr^a Umbelina Barreto pela importante orientação na construção deste trabalho. Agradeço a todas as pessoas, que de alguma forma, estiveram envolvidas neste projeto, me incentivando neste momento tão especial da minha vida.

“O desenho não é a forma, é a maneira de **ver** a forma”.

Edgar Degas

Resumo

Este trabalho propõe evidenciar a importância da utilização do desenho de observação para o desenvolvimento da expressão criadora do aluno na escola regular em práticas de sala de aula, a partir de experiências realizadas no estágio de docência supervisionado. O texto se desenvolve confirmando que através da observação pode-se exercitar o olhar, e através do desenho, pode-se articular o visível/ sensível de uma forma tornando-a inteligível. Através de relatos e descrições de exercícios se estará compondo um instrumento que poderá ser utilizado pelo professor de arte para o desenvolvimento da aprendizagem artística, bem como para o resgate do prazer de desenhar necessário aos alunos na aula de artes. Afirma-se a importância de se trabalhar o processo criador do aluno, de maneira que o conhecimento seja adquirido de forma envolvente, a partir de propostas de aula que criem situações de aprendizagem articuladas com os conteúdos curriculares, que possibilitem o aluno aprender os conteúdos disciplinares, observando, comparando, reconhecendo, calculando, discutindo, definindo idéias, enfim, tornando o aluno capaz de reconhecer suas habilidades e posicionar-se confiante diante de cada desafio proposto no universo escolar e que irá refletir na sua postura diante do mundo.

Palavras-chave: Desenho de observação, percepção, expressão criadora, conhecimento.

Abstract

This paper proposes to highlight the importance of using the design of observation for the development of creative expression in the student's regular school practices in the classroom, from experiments carried out in supervised teaching internship. The text is developed through observation confirming that you can work out the look, and by design, can articulate the visible / sensitive in a way making it intelligible. Through anecdotes and descriptions of exercises will be writing a tool that can be used by the art teacher for the development of artistic learning, as well as to rescue the pleasure of drawing required for students in art class. Affirm the importance of work the student's creative process, so that knowledge is acquired so engaging, from proposals to create classroom learning situations with articulated curricula that enable students to learn the subject content , observing, comparing, recognizing, calculating, discussing, defining ideas, in short, making the student able to recognize their skills and position themselves confidently in front of each challenge proposed in the school environment and that will reflect in their attitude toward the world.

Keywords: Design of observation, perception, creative expression, knowledge.

Lista de imagens

Fig. 01 – Retrato do colega (desenho de observação).....	28
Fig. 02 – Desenho de objeto (tato e observação).....	30
Fig. 03 - Desenho do prédio da escola (desenho de observação).....	33
Fig. 04 – Retrato do colega (desenho de memória, desenho cego e desenho de observação).....	41
Figura 05 – Desenho de memória.....	59
Figuras 06 e 07 – Retrato chinês e retrato do colega.....	60
Figuras 08 e 09 – Cadavre exquis.....	61
Figuras 10,11 e 12 – objeto, desenho cego e desenho de observação.....	62
Figuras 13,14 e 15 – aluna manuseando material, desenho através do tato e desenho de observação.....	66
Figura 16 – Desenho de observação.....	68
Figura 17 e 18 – Desenho de memória e desenho de observação.....	69

Sumário

1.	O DESENHO DE OBSERVAÇÃO COMO PRÁTICA EM SALA DE AULA	
1.1.	O desenho de observação nas etapas do desenvolvimento escolar.....	13
1.1.1.	Desenho de observação como prática de aula no Ensino Fundamental.....	23
1.1.2.	O Desenho de Observação como prática de aula no Ensino Médio.....	31
1.2.	A linguagem do desenho como instrumento cognoscitivo.....	33
2.	O DESENHO DE OBSERVAÇÃO NA HISTÓRIA DA ARTE/EDUCAÇÃO	
3.	O DESENHO DE OBSERVAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE	
4.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	
	REFERÊNCIAS.....	51
5.	ANEXO - Projeto de estágio – planos de aula.....	53

1. O DESENHO DE OBSERVAÇÃO COMO PRÁTICA EM SALA DE AULA

Considera-se que o desenho de observação deveria estar presente em sala de aula desde a educação infantil, e deveria ser utilizado como forma de expandir e desenvolver o processo de aprendizagem através de uma prática de observação, de captura e registro do mundo que nos rodeia. Tem-se verificado por inúmeros estudos, que a apropriação do aluno, sobre o que ele observa, o faz perceber a realidade a sua volta, possibilitando-o pensar sobre a realidade e conseqüentemente transformar tal realidade. Esse processo está acompanhado de uma troca de informações e experiências que vão sendo adquiridas durante a aprendizagem.

O papel do educador nesse processo é muito importante, pois o desenvolvimento da percepção durante a observação depende dos instrumentos construídos e disponibilizados pelo educador, que se manifestam nas práticas de aula de forma a ajudar o aluno a dialogar com o que está a sua volta, ampliando o que faz parte de sua realidade.

Ana Mae Barbosa (1991)¹ afirma que “a arte é cognição (...) é uma forma diferente da palavra para interpretar o mundo, a realidade, o imaginário”. Entende-se com a autora o conhecimento como uma maneira do indivíduo/aluno dar significado ao mundo ou dele apropriar-se a partir da experiência.

A educação infantil seria o período na escola, onde deveriam acontecer as primeiras experiências dos alunos com o desenho. Salvo algumas exceções, a maioria das escolas não dispõe nem de espaço, nem de recursos materiais para serem oferecidos aos alunos.

Na transição entre a educação infantil para o ensino fundamental, tem-se outra dificuldade, pois em um período de quatro anos, as aulas de arte ministradas por especialistas não fazem parte do currículo regular. Com frequência, em grande parte das escolas, durante este período, o aluno tem um contato com a arte reduzido, o que é injustificável, pois se sabe da importância do desenvolvimento de competências tais

¹Ana Mae Barbosa, professora e pesquisadora da Escola de Comunicações e artes da Universidade de São Paulo. Autora que aborda em suas publicações o universo da arte-educação, evidenciando sua importância, na formação e desenvolvimento do indivíduo dentro da escola regular.

como a leitura do mundo e a apropriação da imagem, que estão presentes no diálogo entre as várias áreas de conhecimento, sendo essencial para a formação do aluno.

Nesse sentido, Ana Mae Barbosa defende a arte como um campo de estudos específico tão necessário como todos os outros à formação e desenvolvimento dos indivíduos:

(...) precisamos continuar a luta política e conceitual para conseguir que arte seja não apenas exigida, mas definida como uma matéria, uma disciplina igual às outras no currículo. Como a matemática, a história e as ciências, a arte tem um domínio, uma linguagem e uma história. Se constitui, portanto, num campo de estudos específico e não apenas em mera atividade”.

Em muitas escolas depara-se com um aluno do quinto ano do ensino fundamental, que representa de forma generalizada, alguém que ficou um espaço de tempo significativo distante de qualquer tipo de linguagem artística, o que o torna resistente à disciplina, desconsiderando e desvalorizando-a, pois é incapaz de fazer qualquer conexão de arte com o mundo e com a sua realidade. É um aluno preso a ideias preconcebidas do que é arte, é limitado e fechado para experimentações, sentindo-se incapaz de desenvolver qualquer diálogo através da arte.

O que se percebe desse perfil de aluno desinteressado, é a importância de se trabalhar com a arte em todas as etapas escolares. Como qualquer outra disciplina, as linguagens da arte e seus valores, deveriam estar presentes nas várias etapas escolares, através de aulas que possibilitassem ao aluno pensar, experimentar e produzir tornando-o capaz de ampliar seu universo cultural.

Aliado a arte, Analice Dutra Pillar (1999)² traz a importância da construção de conhecimento através da experimentação:

“Nascemos com a capacidade de aprender e de descentrar, diferenciando e complexificando cada vez mais nossas interações com o meio. Desta forma o objeto não é dado preexistente, independente e transcendente à história. Antes, pelo contrário, é produto de uma reconstrução conceitual, da relação entre o mundo sensível e sua interpretação”.

² Analice Dutra Pillar professora e pesquisadora na área de Artes Visuais, aborda nesta publicação os significados de leitura de imagens com base em teorias da arte e do ensino das artes.

Por outro lado, verifica-se que o desenho sempre está presente nas escolas, pois é, na verdade, a linguagem de arte mais utilizada, talvez, pela facilidade de realização com recursos materiais escassos, necessitando somente de lápis e papel, que podem ser disponibilizados pela escola. Por não exigir um espaço físico específico para ser executado e dispor de um material mínimo, o desenho passou a ser banalizado na sala de aula.

Desse modo, embora o desenho esteja presente na escola, não existe uma valorização, uma aplicação devida da linguagem do desenho. As imagens geradas enfatizam os estereótipos e a busca de um desenho “perfeito” e “bonito” representando somente formas figurativas identificáveis, o que não contribui para nenhum desenvolvimento e muito menos se aproxima dos processos de criação.

O desenho de observação traz para as práticas de aula, a possibilidade do aluno de representar o que é percebido através do olhar levando-o a se libertar das formas estereotipadas e das cópias.

Miriam Celeste Martins (1982)³ traz em sua dissertação de mestrado situações comuns na representação do desenho na adolescência e fala do desenho de observação como uma possibilidade de potencializar o olhar,

(...) Nesse fazer, estão somados muitos modos de perceber, imaginar e interpretar o ato de desenhar, com intervenções que também me fazem pesquisar formas de aprender e ensinar para além das questões acadêmicas ou modernistas que teimam em aprisionar nosso olhar. A linha se movimenta e dá um novo sentido ao desenho, libertando-o de uma prisão de verossimilhança”.

O desenho de observação poderá trazer ao aluno a liberdade necessária para representar o que se percebe através do olhar, sem receios de errar ao ser levado por um processo investigativo que prioriza a experiência criadora. E o professor deveria proporcionar práticas de aula que levassem a ativar o processo criador do aluno. É uma construção complexa em que é preciso estabelecer uma conexão com o que está sendo percebido e a realidade do aluno, fazendo-o pensar sobre o que produz, aproximando-o da linguagem do desenho e da arte, tornando o diálogo entre o aluno e

³ MARTINS, Miriam Celeste. Não sei desenhar: implicações no desvelar/ampliar do desenho na adolescência – Uma pesquisa com adolescentes em São Paulo, dissertação de mestrado. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes da USP, 1982. p. 273.

a disciplina mais interessante e prazeroso, além de instigante, o que poderá voltar a aproximar o aluno da arte.

Em uma experiência com o desenho de observação em sala de aula pude perceber que o perfil do aluno se manifesta a partir de dois tipos distintos; o primeiro é um tipo de aluno resistente ao novo, que apesar de lhe serem oferecidas propostas de atividades diferenciadas das que lhe são habituais, prefere continuar em uma zona confortável, em que sabe exatamente o que vai acontecer sem dar crédito ao que é novo, e sem experimentar. E o segundo tipo, é aquele aluno que participa da aula, realiza as atividades, mas não valoriza o que faz, não considera a arte importante para o seu futuro.

No projeto de estágio intitulado: *Percebendo o mundo através do olhar*, que realizei no Instituto Estadual Rio Branco, em turmas do ensino fundamental, quinto e sexto ano, e segundo ano do ensino médio, foi enfatizado o trabalho com a percepção visual, em que busquei, prioritariamente, exercitar o olhar do aluno.

O que os alunos veem? O que eles assimilam daquilo que veem? Essas são duas questões que tive como norte ao iniciar o desenvolvimento do projeto.

O objetivo foi desencadear a motivação do aluno para o exercício do olhar, provocando a assimilação das diferenças e levando-os a perceber a sua capacidade de criar, produzir e se comunicar com a realidade a sua volta.

O projeto foi desenvolvido com quatro turmas, duas do ensino fundamental, referentes ao quinto e sexto ano, e duas turmas do segundo ano do ensino médio. Também foi desenvolvida uma proposta inicial comum a todas as turmas do ensino médio e do fundamental.

Na primeira aula foi realizada uma sondagem sobre o tema: o olhar. Iniciou com uma chamada diferenciada onde os alunos deveriam responder em lugar do habitual “presente”, a primeira imagem que visualizassem dentro da sala de aula. As respostas seriam anotadas e posteriormente analisadas em conjunto, e os alunos deveriam perceber o que teria em comum entre as respostas, percebendo quantas vezes somente repetiam, e se as imagens faziam parte do ambiente, do espaço em que se encontravam.

O Objetivo era ver como os alunos percebiam o ambiente a sua volta. E, em ambas as turmas, do ensino fundamental e do ensino médio, os alunos demonstraram desconfiança, nos primeiros momentos estavam receosos, mas quando perceberam que a atividade fazia parte da aula, e que não fazia parte de nenhum tipo de teste, se tranquilizaram e por fim participaram.

A segunda proposta envolveu a percepção de um espaço maior do que a sala de aula, pois os alunos deveriam descrever por escrito a primeira imagem que lembravam ter visto ao entrar na escola, e a partir dessa descrição deveriam fazer um desenho de memória desta imagem descrita.

Novamente, a primeira reação dos alunos foi de resistência, principalmente por não entenderem o porquê de tal proposta. Ouvi várias vezes a mesma pergunta: “Pra que isso professora?”

Nesse sentido, foi possível perceber que a adaptação com o que é novo necessita de um tempo, mesmo sendo uma linguagem comum aos alunos, no caso a linguagem do desenho, a proposta era diferente, o desenho não era o habitual desenho livre, e eles deveriam usar a memória, pensar. Entretanto, ao final da atividade eles ficaram surpresos com os resultados e mesmo sem serem solicitados começaram a analisar os desenhos em conjunto, demonstrando que haviam reconhecido o que estava sendo apresentado.

A terceira proposta, diferentemente das anteriores, já foi esperada pelos alunos como uma atividade diferente. Primeiro pelo fato da aula ter sido dada no pátio da escola, onde eles deveriam fazer um desenho de observação escolhendo um espaço da escola. É importante enfatizar que foi a primeira aula em que todos participaram, sem nenhuma queixa ou reclamação, e também em relação ao comportamento da turma, eu não tive que pedir silêncio, nem buscar de artifícios para que os alunos participassem da aula, pois todos se engajaram totalmente na atividade. O período passou, e eles nem perceberam, e ainda, não queriam que acabasse.

Levando em consideração essas primeiras experiências que aconteceram em sala de aula, pode-se perceber que é possível romper com a “mesmice” das aulas de arte. Mesmo dispondo de pouco recurso material e espaço físico, pode-se projetar uma

boa aula a partir de uma boa ideia, baseada em conceitos, técnicas, procedimentos, enfim tendo como base o universo da arte.

Segundo Edith Derdyk,⁴(1994, p.11) todas as pessoas, tem capacidade de criar. O que bloqueia constantemente o ato de criar são concepções preconcebidas de que não somos capazes. Segundo a autora, só seremos capazes se vivenciarmos e experimentarmos a criação.

“Não há mais dúvidas de que todas as pessoas são inatamente criadoras, independentemente de sua formação cultural, da sua atividade, de sua origem racial ou geográfica. O que nos impede de exercer o nosso desejo criativo? A concepção de nós mesmos, como um ser acabado e estável, agarrado a uma idéia de eu, tal como a tábua de salvação no meio do mar, é um empecilho para nos lançarmos. A vivência pode significar um caminho aberto para o desconhecido, ampliando a nossa consciência”.

Levando em consideração os resultados das aulas em que procurei desenvolver a experiência do olhar, em que o desenho de observação foi utilizado provocando vivências a partir do entorno dos alunos, algumas descritas acima, pode-se considerá-lo como um instrumento, como um exercício para estimular a expressão criadora do aluno, exercitando o olhar e desenvolvendo através do desenho um diálogo entre o visível e o sensível do que se observa.

O aluno que exercita sua percepção visual acaba por desenvolver a capacidade de imaginar e pensar sobre o que realiza e fazer associações com imagens e símbolos que vão se agregando e surgindo de um repertório pessoal. Tais exercícios realizados na idade escolar poderão vir a criar um diálogo do aluno com o mundo que o rodeia e ampliar a consciência do indivíduo no presente e no futuro, tornando-o capaz de buscar o novo, sem temer o que lhe é desconhecido.

⁴ A artista, arte-educadora e escritora Edith Derdik, mostra a importância do educador como porta-voz de uma visão de mundo, indicando os caminhos para o aluno construir, suas próprias concepções, a partir de experiências vivenciais.

1.1. O desenho de observação nas etapas do desenvolvimento escolar

Considerando-se a importância do desenho de observação como instrumento cognoscitivo, é importante trabalhar com atividades que envolvam a linguagem do desenho em todas as etapas escolares. É certo que, esta forma de perceber o desenho transforma-o em fonte para o desenvolvimento do processo de criação do aluno, capacitando-o a desenvolver o conhecimento em arte e nas demais áreas de conhecimento, e ampliando as possibilidades de perceber e interpretar o mundo a sua volta.

A percepção e observação do mundo tornam o indivíduo que percebe e que é capaz de refletir sobre o que percebe também capaz de recriar e transformar a sua realidade.

Verifica-se em Ana Mae Barbosa⁵ (1991, p. 4), que entende conhecimento como uma maneira de o sujeito, a partir da experiência, dar significado ao mundo ou dele apropriar-se, que a arte está ligada à interpretação do mundo além de ser uma qualidade que auxilia na elaboração de significados.

“Arte não é apenas básica, mas fundamental na educação de um país que se desenvolve. Arte não é enfeite. Arte é cognição, é profissão, é uma forma diferente da palavra para interpretar o mundo, a realidade, o imaginário, e é conteúdo. Como conteúdo, arte representa o melhor trabalho do ser humano. Arte é qualidade e exercita nossa habilidade de julgar e de formular significados que excedem nossa capacidade de dizer em palavras. E o limite de nossa consciência excede o limite das palavras”.

Tem-se atualmente, aulas de arte descritas como aulas fechadas à experimentação, conforme foi evidenciado nas pesquisas e relatos preparatórios do estágio supervisionado, e dispendo de professores não capacitados, ou simplesmente, desestimulados para desenvolver conteúdos que possam gerar o interesse ao aluno, não o motivando para as aulas de arte.

⁵ Ana Mae, em A imagem no ensino da arte, valoriza a arte como conteúdo na escola regular, e destaca a importância na formação de arte educadores mais eficientes na execução de sua função.

O ensino da arte vem buscando lentamente seu espaço, e a ampliação desse espaço nas escolas vêm sendo construída através de muito esforço por um grupo de profissionais competentes e interessados na valorização da arte na educação.

A artista e educadora, Edith Derdyk,⁶ (2011, p. 6) ao falar sobre o papel do professor que ensina a desenhar e das dificuldades encontradas nas escolas para que se possa desenvolver a linguagem da arte, enfatiza o papel das políticas educacionais, ou, em muitos casos, da falta das mesmas.

“A formação do educador e a falta de estrutura das escolas são resultantes da inexistência de plataformas políticas que priorizem a educação, o que expressa a falta de preocupação com a cidadania. Enquanto se pensa no binômio, educação e arte, ou educação pela arte, educação para a arte, ou a arte de educar, no sentido de acordar as sensibilidades e as inteligências em direção à constituição de uma subjetividade plena, o problema é ainda maior. Trabalhar com arte e educação é um ponto a ponto: uma construção artesanal que nasce de conceitos que possam embasar este pequeno grande fazer”

Por outro lado, o educador em arte tem como aliado em potencial os PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais (1999), que foram construídos com a contribuição de pesquisadores e especialistas de universidades e das secretarias de educação. O MEC, Ministério da Educação e Cultura, ao publicar estes textos, pretendia que a publicação pudesse chegar às mãos de todos os professores, a fim de servir como texto de referência e elemento de reflexão para modificação das práticas educativas, sem se transformar em um currículo obrigatório.

O Objetivo dos PCN é ampliar a compreensão dos professores sobre o que deveria se trabalhar nas diversas áreas de conhecimento e etapas da escolarização, propiciando subsídios para a definição de seus planos anuais, buscando novos padrões de conteúdos aliados ao desenvolvimento de competências básicas.

Os objetivos propostos pelos PCN para o ensino da arte, falam da importância do percurso criador do aluno, enfatizando os processos construtivos e expressivos, definindo-o como o foco central da orientação e planejamento da escola.

⁶ Edith, junto com outros arte educadores, aborda a importância do ensinar desenho, e como pode-se aplica-lo na prática educativa.

Trabalhar a linguagem do desenho com o aluno do ensino fundamental exige, em um primeiro momento, reapresentar o Desenho aos alunos, que tem como definição de desenho, suas primeiras experiências trazidas da educação infantil, e desenhos “livres” elaborados com poucos recursos materiais.

A resistência de trabalhar com o desenho como uma prática, e uma reflexão é o primeiro desafio encontrado pelo professor. Tal resistência pode ser quebrada ao se propor na prática uma nova maneira de utilizar o lápis e o papel, materiais tão comuns aos alunos. E também esta resistência do aluno se reduz através do conhecimento das formas pelas quais o desenho se manifesta, não somente a manifestação gráfica do lápis sobre papel, mas a compreensão que o desenho pode ser um rico meio de expressão e comunicação.

O desenho de observação pode ser um instrumento para a liberdade de criação ao ajudar o aluno a perceber os estímulos que o seu mundo lhe envia. As atividades que levam o desenho de observação como prática de aula podem proporcionar a variação da interpretação do que é observado, ampliando assim os processos de percepção, tais como: identificação, codificação e associação.

A atenção e raciocínio são trabalhados simultaneamente, e com isso, a linguagem do desenho já não é para os alunos uma simples cópia, reprodução mecânica, mas sim uma interpretação, pois, o que se percebe com a observação, faz com que o real dialogue com o que se pensa.

A construção de uma linguagem expressiva como a linguagem do desenho, implica trabalhar a experimentação articulada com a sintonia entre o aluno e o professor, no sentido de o professor conseguir perceber e ativar o que cada aluno necessita pra desenvolver seu potencial criativo.

A exploração de novos materiais trazidos pelo professor fortalece a idéia de desenvolvimento do processo criador do aluno. Conhecendo diferentes materiais o aluno terá como experimentar e desenvolver um domínio sobre a materialidade construída, o que lhe dará segurança para representar sua ideia. O material deve ser oferecido de acordo com as necessidades do aluno, satisfazendo-o e facilitando a utilização, o que irá ajudar na fruição de ideias e na produção do aluno. A

experimentação lúdica de materiais e suportes também motiva o interesse do aluno para a aula de arte.

Além do material, o repertório dos alunos sobre o desenho deve ser ampliado. O professor pode buscar na cultura visual, exemplos que façam sentido aos alunos e mostrar ao aluno que o desenho perpassa por diversos caminhos e está presente, bem mais do que se percebe cotidianamente em nossas vidas. O desenho ultrapassa lápis e papel e aparece nas formas mais comuns e presentes no dia a dia, nas formas da natureza, nos contornos dos prédios, numa forma contida no imaginário e que pode ser identificada em uma nuvem. Enfim, cabe também ao professor ajudar a construir a ampliação da percepção do aluno, para que ele reconheça e se aproprie do que está presente no seu cotidiano.

Cria-se assim um diálogo do que o aluno produz com a realidade que o rodeia. O aluno também poderá ter mais afinidade com a linguagem do desenho se identificá-la mais facilmente, não só como uma linguagem poética visual, mas como uma linguagem que está presente em várias áreas de conhecimento. Por exemplo, nas cartografias dos mapas, nas plantas arquitetônicas, nas partituras musicais, enfim o desenho passa a ultrapassar aquele momento na sala de aula em que o aluno se confronta com o espaço limitado do papel.

O desenho de observação ao ser utilizado como instrumento para o desenvolvimento da expressão criadora e ao proporcionar ao aluno dialogar com o mundo exterior, através da visão, e com o mundo interior, através seu repertório pessoal de imagens, possibilita a formulação de pensamentos e a construção de conceitos. Nesse diálogo é confrontado o real, o percebido e o imaginário.

Nesse sentido, apresenta-se a seguinte afirmação da artista-autora Edith Derdyk⁷ (2011, p 6.) sobre a importância de se trabalhar com as três representações de desenho:

“(...) é muito importante perceber que o imaginário (lembrando que imaginário nasce da palavra “imagem”) está totalmente conectado com a observação - do aqui e do agora – e que o estado da observação do mundo convoca também

⁷ Edith, aborda a relação do professor/aluno e a influência do professor no processo criativo, onde pode escolher ser apenas um mediador no ensino do desenho, ou deixar desenhar proporcionando as condições para o aluno buscar seu potencial criador.

nossas memórias. Observação, memória e imaginação caminham juntas, são as matérias do nosso corpo que vivem nesta paisagem contemporânea”.

A importância de se trabalhar com o desenho de observação nas várias etapas do desenvolvimento escolar, se consolida com a aplicação do desenho de observação como instrumento didático nas várias etapas escolares, buscando se trabalhar o processo criativo do aluno de acordo com a fase em que se encontra o seu desenho.

Da infância até a adolescência, verificam-se representações específicas que correspondem ao desenvolvimento biológico-cultural de cada idade manifestando-se como formas expressivas no desenho. É importante que em cada fase o professor encontre uma maneira de explorar o potencial criador do aluno, trabalhando com a linguagem do desenho e sempre buscando a reflexão do aluno sobre o que está produzindo, e também, tornando-se sensível ao universo gráfico do aluno, possibilitando uma construção e um compartilhamento de conhecimento.

Em uma primeira etapa escolar, durante a educação infantil, tem-se no desenho infantil a fase Pré-esquemática, onde se verificam as primeiras tentativas de representação. A criança cria formas conscientemente, formas que tem relação com o mundo a sua volta. As formas nascem de temas fáceis de identificar, pessoas, casas e árvores fazem parte do universo com o qual a criança se identifica. Neste período as tentativas de representação resultam de métodos estabelecidos pela própria criança para perceber o seu entorno. O espaço é representado como sendo aquilo que o cerca, onde as formas “gravitam”. O tamanho e a maneira em que são dispostos os objetos representados nos desenhos dessa fase utilizam o critério de valor de modo que aquilo que se apresenta maior tem mais valor emocional para criança. Percebe-se que neste momento a criança não tem ainda uma preocupação com a estética, a representação gráfica é mais uma narrativa de formas, que tem um significado pessoal.

No período da pré-escola, até o início do ensino fundamental, o aluno ainda tem mais acesso a materiais e experimentações, e o desenho está presente na sala de aula de maneira mais significativa.

Com o início da alfabetização, no ensino fundamental, os processos de desenvolvimento gráfico são inibidos. De certa forma, a linguagem escrita supre a necessidade de se expressar visualmente. A linguagem gráfica como expressão e

representação deveria ser trabalhada com a mesma ênfase que se trabalha a palavra, mas o que se percebe é uma desvalorização das representações expressivas, o que irá refletir futuramente no perfil daquele aluno que fica distante da linguagem da arte por um período significativo.

Vitor Lowenfeld,⁸ (1977) autor que nos traz a importância da arte como meio de compreensão e desenvolvimento do ser humano, ao abordar as fases do desenho infantil relata que a criança entre sete e nove anos, realiza um desenho correspondente à fase esquemática. Segundo o autor, nesta fase, a criança adquire um conceito definido do homem em seu meio a partir da combinação de três fatores: o processo mental, a conscientização de seus sentimentos e o desenvolvimento de sua sensibilidade perceptual.

Esta fase corresponde à idade em que a criança inicia o primeiro ano do ensino fundamental, em que se inicia seu processo de alfabetização e, com frequência, a expressão gráfica se limita a palavra, distanciando o aluno de qualquer outra manifestação expressiva. Desse modo, acaba-se por se perder a possibilidade de desenvolver o potencial criador desse aluno, que carrega um rico repertório de informações coletadas do seu mundo pessoal. Formas, imagens, sensações, enfim, informações que contribuem para um desenvolvimento significativo do universo gráfico e expressivo do aluno.

O desenho de observação neste período amplia o repertório do aluno. A articulação entre a percepção visual e os conceitos adquiridos através de seus registros de imagens pessoais, ao serem trazidos da memória e da imaginação, proporcionam o enriquecimento do repertório gráfico e impulsionam a expressão criadora.

Em uma análise sobre o sentido da observação no desenho da criança Edith Derdyk,⁹(1994, p.118.) explica como se desenvolve o processo da percepção visual nesta fase da criança.

⁸ O autor relata as fases do desenho infantil, trazendo suas respectivas características, e fatores que envolvem o processo de criação.

⁹ Edith, enfoca o diálogo que o desenho tem com os elementos do tempo e do espaço, o porquê da relação entre a observação, memória e imaginação.

“O observador é aquele que olha atentamente, examina, considera, reflete, guarda, contém especula. Observar pertence a um estágio de desenvolvimento do pensamento visual, quando precisamente, a criança, manifesta a capacidade de reter, guardar, conter uma informação, Aí ela já está observando e processando os elementos observados. A observação trabalha conjuntamente com a memória”.

A partir dessa afirmação da autora sobre as características do observador e também da importância do ato de observar, volta-se a questionar a necessidade de se trabalhar a linguagem da arte conjuntamente com as outras disciplinas. Seria fundamental que o aluno durante esse período dispusesse de suporte através da aprendizagem da arte para desenvolver seu percurso criador. As escolas deveriam dispor de espaço físico, recursos materiais e professores com a capacidade de perceber o potencial expressivo dos alunos, proporcionando condições de ampliá-lo. Um diálogo da área da arte com as outras áreas de conhecimento, disponibilizaria uma maior e melhor aquisição e retenção de informações no processo de aprendizagem.

Segundo Lowenfeld (1977 p 213) a conscientização perceptiva é fundamental para a interação da criança com o seu meio para que se estabeleça o processo de aprendizagem. Durante esse período de socialização a criança está estruturando seus processos mentais e para isso organiza e vivencia relações com seu meio.

A fase seguinte, que representa o aluno de nove a doze anos, caracteriza-se pela descoberta, por parte da criança, de que faz parte de uma sociedade. É a fase do compartilhamento de interesses em comum. Nesta etapa o desenho da criança apresenta mais detalhes, pois é o período em que ela está desenvolvendo sua consciência visual, em que é dada ênfase aos detalhes que são emocionalmente significativos para ela.

Percebe-se nesta fase, que esta busca pelo detalhamento, cria uma exigência no aluno, que idealiza o desenho a ser realizado de uma forma e não consegue atingir aquilo que idealizou. A partir de então começam a surgir os seguintes comentários: “não está bom!”, “ficou horrível professora!”.

Neste período a criança já possui algumas informações sobre o funcionamento do mundo natural e social, e o que se percebe é a aquisição dessas informações de maneira isolada, ou seja, as áreas de conhecimento não trabalham conjuntamente,

fazendo com que o período em que aflora a curiosidade sobre si mesmo e pelas coisas seja pouco explorado.

Percebe-se que o desenho de observação seria um instrumento que acrescentaria muito ao aluno na percepção do meio que o envolve. Por outro lado, tem-se verificado que a percepção visual ajuda o aluno a desenvolver sua própria expressão gráfica tornando possível à representação de seus sentimentos e afastando-o das cópias e padrões estereotipados tão comuns nesse período.

Observa-se que a formação de grupos organizados por interesses comuns é significativa neste período. Nesses grupos ocorre o compartilhamento de desejos e pensamentos que se tornam manifestos como: “eu vejo o que meu colega vê”, “gosto da mesma coisa que meu colega gosta”, levando a criar certa resistência no grupo ao que é novo.

Ao realizar um desenho de observação de um espaço comum a um grupo formado por interesses comuns, é importante que o professor mostre as diferentes representações do mesmo espaço, pois isso vai encorajar o aluno a se posicionar individualmente, mesmo que traga as mesmas informações que o seu colega do grupo, que falem a mesma língua e que ocupem o mesmo espaço. É preciso que se proporcionem meios, para que o aluno possa utilizar sua expressão criadora e sinta-se confiante para buscar seu próprio modo de expressão.

Lowenfeld¹⁰ (1977 p 276), também enfatiza a importância de se trabalhar com a linguagem da arte no período final do ensino fundamental como meio de capacitar o aluno para refletir sobre o que produz e a posicionar-se como indivíduo consciente de sua atuação no mundo, pois o aluno ao:

“Identificar-se consigo próprio, identificar-se com os outros, identificar-se com o produto, estar apto para dizer “isto é meu”, pode fixar as próprias metas e equacionar os próprios problemas, ser responsável pela direção e pelo método da expressão – tudo isso tem considerações importantes no desenvolvimento do programa de arte para as escolas de primeiro grau. A vida de um estudante, nesse período, não pode ser ignorada. É a necessidade sobre a qual o programa deveria ser elaborado”.

¹⁰ O autor traz a importância da prática artística como um meio do aluno encontrar o caminho para sua auto-identificação, e posicionar-se diante de suas escolhas.

Neste mesmo sentido, concorda-se com o que está colocado nos textos dos PCN (1998) quando se afirma ali a importância de se trabalhar o processo criador do aluno, de maneira que o conhecimento seja adquirido de forma envolvente, ou seja, que o aluno se divirta com o desconhecido, que se esforce e se alegre com as descobertas. E esta afirmação está corroborada pela confirmação de, que tais conhecimentos obtidos através da linguagem da arte, tem o mesmo valor das outras matérias, além de ajudá-lo na compreensão dos conteúdos das outras áreas.

É certo que as conquistas do aluno durante o processo de aprendizagem farão parte de sua vida além de ajudá-lo a posicionar-se de uma maneira segura e confiante em seus valores como ser pensante no mundo.

Analisando agora o ensino da arte no período de transição do fundamental para o ensino médio, tem-se um jovem/aluno mais crítico em relação a suas próprias produções. A inquietação representa a principal característica neste período, em que a emoção e a tensão estão fortemente presentes e constituem o perfil desse aluno.

No ensino médio, percebem-se representações muito semelhantes com as fases anteriores na linguagem do desenho. Entretanto, aparece agora nos desenhos uma maior valorização dos detalhes, e surgem informações que representam sua personalidade, roupas, acessórios, e tudo que possa identificá-lo individualmente.

A partir de uma experiência pessoal em uma escola pública, eu tive contato com alunos do ensino médio com um perfil de total desinteresse pela linguagem do desenho. Embora eu tenha verificado que pequenas anotações nos cantos dos cadernos dos alunos representam expressões gráficas interessantes, os mesmos não conseguiam perceber tais feitos como experimentações, que poderiam ser levadas a sério e se transformar em interessantes projetos.

Considera-se que um dos objetivos de todo o arte educador deveria ser o desenvolvimento de atividades que propiciem ao aluno expressar suas ideias, orientando-o e incentivando-o para que essa expressão seja significativa para ele e que possa também vir a significar para outra pessoa, conciliando a expressão e a comunicação. É o momento em que o aluno busca sua identidade, desenvolvendo uma crescente consciência do seu eu, por isso, vê-se o quanto é interessante o professor trabalhar com propostas escolhidas em conjunto, professor/turma, para que o aluno

possa opinar sobre qual forma de expressão irá melhor representar sua ideia. O aluno precisa se sentir envolvido e estimulado pela atividade, ou irá fazer por fazer, o que também acaba por remeter ao pensamento de que a aula de arte não é importante, pois não é interessante.

Como fazer com que o aluno se interesse pelo que não entende? É necessário criar conexões com o que o mundo cotidiano solicita ao aluno. O adolescente absorve muito superficialmente as informações trazidas no seu dia a dia. Percebe, mas não registra de maneira que decodifique a informação e possa pensar e refletir sobre o que percebe. Por isso a orientação do educador é fundamental, desde a concepção da ideia, passando pela resolução de problemas, a escolha da técnica, para que o aluno sintam-se seguro para realizar sua expressão artística sentindo-se responsável por sua escolha e identificando-se com ela.

O trabalho com a percepção visual através do desenho de observação neste período torna-se um exercício para exercitar o olhar. Compreendendo o que se percebe, a percepção passa a não se definir somente como um registro sensorial, pois através dela, pode-se estimular o pensamento em relação à realidade, e também recriar a realidade.

Rudolf Arnheim¹¹(1980) autor que desenvolveu pesquisa sobre a percepção visual, e o modo como se organiza o universo visual, considera que o pensamento é visual, e que tal reflexão contribui para que se entenda o processo mental no reconhecimento das formas, e que essas formas, por sua vez, são armazenadas em nossa memória, conforme nossas experiências no fluxo contínuo do tempo.

A compreensão do aluno sobre o que percebe, ajuda-o a conscientizar-se de seu lugar no mundo. E é, justamente, nas Artes Visuais que as experiências do cotidiano estão intrinsecamente articuladas à aprendizagem individual e coletiva, o que também é confirmado no texto dos PCN (1998 P 64).

Trabalhar a linguagem do desenho na escola, especificamente com o desenho de observação, pode ser um revigorante nas práticas de aula, vistas hoje em dia como limitadas e enfadonhas. E, uma das maneiras de direcionar o aluno para que reveja a

¹¹ Arnheim considera que toda a percepção é também pensamento, todo o processo de raciocínio é também intuitivo e toda observação é também invenção.

sua relação com o desenho é a programação de aulas ao ar livre, pois a possibilidade de se fugir do espaço físico da sala de aula fechada e conservadora, já conduz o pensamento do aluno sobre a aula de arte para o novo.

1.1.1. Desenho de observação como prática de aula no Ensino Fundamental

A linguagem do desenho no ensino fundamental, entre o primeiro e quarto ano, apresenta com frequência um perfil de atividade recreativa, descompromissada com o desenvolvimento expressivo do aluno. Percebe-se que o desenho não é utilizado conjuntamente com o processo de alfabetização e que apresenta mais um perfil decorativo, com desenhos relacionados a datas comemorativas como páscoa, dia das mães, enfim, a linguagem do desenho perde sua representação como fonte de criação e passa a ser uma simples atividade, onde os alunos não são estimulados a criar, produzir, ou recriar, o que conseqüentemente, induz o aluno a cópia. Este empobrecimento da expressão gráfica também acaba inibindo a expressão criadora, incapacitando o aluno a perceber e entender o mundo por si mesmo.

A grafia da palavra desvincula-se sutilmente da grafia do desenho, passando uma idéia errônea de que a linguagem escrita, a palavra, tem mais importância que a linguagem do desenho no processo de aprendizagem. Esta idéia acaba inibindo o ato de desenhar, com todo seu potencial expressivo, e conseqüentemente o ato de criar.

Embora, nesta fase, os alunos ainda disponham de materiais, para desenhar, pintar, enfim trabalhar com seu potencial criativo, a aula de arte, não aparece como uma disciplina capaz de acrescentar no desenvolvimento expressivo do aluno, ela surge como uma atividade paralela ao processo de alfabetização, este encarado com muito mais seriedade, tanto pelos professores quanto pelos alunos.

O ensino da arte estabelecendo-se como componente curricular obrigatório¹² em diversos níveis da educação básica, a partir da LDB, traz o conhecimento em arte

¹² Determinação que surge com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em 1971.

como um meio de favorecer o desenvolvimento cultural do aluno. E embora a importância do ensino em arte, na construção de conhecimento dos alunos, venha ganhando espaço e reconhecimento, a forma como tais aulas são ministradas, determinam como o universo da arte irá fazer parte da vida do aluno, acrescentando substancialmente no seu processo de aprendizagem.

A importância da capacitação de quem ensina, no sentido de proporcionar ao aluno múltiplas formas de apreender os conteúdos explorados, é destacada em um dos capítulos dos referenciais curriculares regionais¹³ (2009 p 19). Embora o currículo sirva como base de consulta de conceitos a serem trabalhados nas disciplinas, cada escola organiza seu currículo, ou seja, existe uma autonomia pedagógica que dará à escola liberdade para escolher seu método de ensino, a escola escolhe como ensinar.

“Quem ensina é quem mais precisa aprender (...) Essa falta de relação entre educação continuada do professor e desempenho do aluno explica-se pelo fato de que os conteúdos e formatos da capacitação nem sempre têm referência naquilo que os alunos desses professores precisam aprender e na transposição didática desses conteúdos”.

Entende-se que a utilização dos conteúdos sugeridos no currículo poderá ter ótimos resultados no processo de aprendizagem, se o professor dispuser de metodologias que envolvam o aluno, instiguem sua curiosidade, e torne os conteúdos o mais próximo possível da realidade do aluno. Dessa forma, o entendimento por parte do aluno dos conteúdos propostos torna-se mais interessante e irá refletir de forma positiva no processo de aprendizagem, tornando o diálogo entre matéria, professor e aluno mais gratificante.

Fazendo uma análise mais específica das aulas de arte, a partir dos conteúdos propostos pelos referenciais curriculares, pode-se dizer que a disciplina estrutura seu currículo a partir de temas que se inter-relacionam. Esta inter-relação contribui na preparação da aula do professor, que poderá trazer propostas de aulas abordando o universo da arte em toda a sua extensão, perpassando por todas as suas representações, incluindo a linguagem do desenho.

¹³ O Referencial Curricular do Rio Grande do Sul contém as habilidades e competências cognitivas e o conjunto mínimo de conteúdos que devem ser desenvolvidos em cada um dos anos letivos dos quatro anos finais do ensino fundamental e no ensino médio.

Os temas são:

- Fundamentos da linguagem visual,
- Arte sociedade e diversidade cultural,
- Produção artística: a poética do processo pessoal,
- Apreciação estética e leitura de imagem,
- História e teorias da arte,
- Arte como produção de sentido.

O desenvolvimento de conteúdos a partir de cada tema acontecerá de acordo com cada nível de ensino. Entende-se que a linguagem do desenho está presente em todos os temas trabalhados, já que se trata de uma expressão gráfica presente em várias manifestações da arte. Acredita-se então ser possível se desenvolver um significativo diálogo entre o que é proposto no currículo da escola regular, com a prática a ser trabalhada em sala de aula com a linguagem do desenho.

O desenho de observação pode ser um meio de perpassar por todos os temas, como instrumento para aprimorar a percepção visual, do que envolve o aluno, sua realidade, seu mundo, dando sentido ao que é apreendido. Como tem se afirmado, o desenho está presente em nosso dia a dia nas mais variadas formas e manifestações, abrangendo um vasto universo a ser desvendado pelo aluno, podendo ser um instrumento para o entendimento não só dos conteúdos da aula de arte como também das outras matérias.

Nos Referenciais Curriculares do Rio Grande do Sul três competências transversais¹⁴, são tomadas como objetivo em todas as áreas: ler, escrever e resolver problemas.

O desenvolvimento de competências transversais implica em criar situações de aprendizagem articuladas com os conteúdos curriculares, que possibilitem o aluno aprender os conteúdos disciplinares, observando, comparando, reconhecendo, calculando, discutindo, definindo idéias, enfim tornando o aluno capaz de reconhecer suas habilidades e posicionar-se confiante diante de cada desafio proposto no universo escolar e que irá refletir na sua postura diante do mundo.

¹⁴ Processos que se constituíram no aluno e se expressam pela competência de saber fazer, e de saber por que sabe. Conjunto de operações mentais que são resultados a serem alcançados nos aspectos mais gerais do desenvolvimento do aluno.

Ler, escrever e resolver problemas representa as três competências a ser desenvolvidas a partir de situações de aprendizagem que tornem o aluno capaz de se relacionar com os conteúdos de cada disciplina, criando no aluno o gosto pelo aprender, desmistificando a idéia de processo de aprendizagem, como um roteiro obrigatório a ser cumprido.

Analisando o conjunto de habilidades a ser desenvolvido nas aulas de arte, entende-se que, a leitura nas artes visuais, subentende-se a leitura de imagem, que lida com elementos específicos da linguagem visual, e que também é uma forma de leitura do mundo.

Esta relação da leitura de imagem nas artes, através da decodificação dos elementos específicos da linguagem visual, com a leitura da imagem do mundo, demonstra a importância de se desenvolver propostas de aula que exercitem a percepção visual do aluno, ajudando-o a identificar em seu ambiente os elementos da composição visual, criando assim um diálogo com o que percebe ao seu redor. Desse modo o aluno fica a vontade para apropriar-se de tais elementos e transforma-los, desenvolvendo habilidades através da sua produção pessoal, e tornando mais fácil o entendimento de outras produções, ou seja, tornando mais acessível o entendimento sobre a produção e os conceitos que vêm inseridos em uma obra de arte.

Exemplificando esta relação entre as leituras de imagens, nas artes e no mundo, descreve-se um desenho feito por um aluno do quinto ano do Ensino Fundamental em uma experiência com o desenho de observação na elaboração de um retrato. Deve-se considerar que tal aluno faz parte de uma grande parcela, distante e desinteressada em relação à linguagem do desenho e que tem como princípio não atribuir valor algum à aula de arte.

O aluno antes de começar a desenhar, relutou, dizendo não ser capaz de desenhar, ou seja, reproduzir uma imagem “fidelissimamente”, como uma fotografia, pois esse seria no seu ponto de vista, um desenho bonito. Questionou-se então o que definiria um desenho bonito. Traço limpo, composição perfeita, foram algumas das questões discutidas e consideradas pela turma importantes para um bom desenho. Apresentou-se para a turma alguns materiais como, pastel seco e oleoso, os quais

desconheciam, trazendo certa resistência na hora de utilizar, pois, seria mais fácil usar grafite, material mais comum e que a maioria julga dominar.

Orientou-se na experimentação e utilização do material, tendo-se levado para a turma imagens de algumas obras, no caso, alguns retratos, de diferentes períodos da história da arte, em que se viu Van Gogh, Tarsila do Amaral, Vik Muniz entre outros. Argumentou-se sobre a diferença que havia na obra de cada artista, enfatizando que, cada um tinha a sua maneira de utilizar o material, de escolher e trabalhar um tema, de observar, enfim de perceber e representar o que era percebido, e que essas diferenças traziam a identidade para a obra, fazendo-nos reconhecer a obra a partir das características pessoais da cada artista.

Neste momento fomos surpreendidos pelo aluno focalizado, que experimentava os materiais e dizia-se ser “Van Gogh” ao utilizar muita expressividade na linha desenhando a figura do colega, se comparando ao artista, a partir do que havia visto das imagens comentadas em aula. Ao experimentar, o aluno sentiu-se seguro para desenhar, buscando associações com imagens e conceitos, encontrando a sua própria representação da figura percebida.



Fig. 01 - Retrato do colega

Sabe-se na atualidade que a escrita nas artes visuais acompanha o processo de criação, e que a construção de uma poética é também uma forma de escrita que pode corresponder a uma narrativa visual. Outras formas de escrita também podem ser relacionadas às artes como a execução de pesquisas, a confecção de portfólios de produções com textos descritivos de apresentação das obras, e a elaborações de projetos, isso apenas para citar alguns exemplos.

A resolução de problemas no contexto das artes visuais está sempre presente na produção, no fazer artístico, e, nesse sentido, a elaboração plástica proposta ao aluno poderá constituir um problema visual a ser resolvido, além de problemas operacionais relacionados à técnica, aos instrumentos de trabalho e também a matéria a ser trabalhada.

Entende-se a partir do que é proposto nos referenciais curriculares, que os exercícios realizados como práticas nas aulas de arte devem objetivar a aquisição de experiências e conhecimentos, capacitando o aluno não só a utilizar a linguagem visual, mas também a compreendê-la, e se utilizar dessa compreensão para dialogar com outras áreas de conhecimento.

A partir do quinto ano do ensino fundamental, a aula de arte aparece como disciplina obrigatória. Do quinto ao nono ano do ensino fundamental os conteúdos propostos possibilitam ao educador trabalhar a linguagem do desenho em todas as suas representações. Acredita-se que o ato de desenhar possa ser não só executado, mas também discutido em todas as suas manifestações, como uma forma de dinamizar as aulas, em que a idéia de desenhar ainda remete o aluno a uma limitada atividade de desenho livre, descompromissada com os conteúdos da matéria a serem desenvolvidos.

Verificando-se as experiências obtidas na realização do estágio, em turmas que correspondem ao quinto e sexto ano do ensino fundamental, acredita-se ser possível desenvolver a expressão criadora do aluno com a prática do desenho de observação.

O desenho de observação pode ser trabalhado como uma atividade que possibilita desenvolver a percepção visual do aluno, mesmo que dispondo de poucos recursos materiais, uma realidade constatada nas escolas públicas. O aluno

experimenta o grafismo do desenho, fugindo do convencional, o que torna o entendimento da representação do desenho em outras áreas de conhecimento, mais acessível, podendo se contextualizar o que o aluno produz com a sua realidade. A possibilidade de sair do espaço fechado da sala de aula e perceber outros ambientes amplia o seu repertório visual, e transforma sua percepção, pois consegue visualizar o que antes não era percebido, construindo novos repertórios.

Na experiência de estágio com o Ensino Fundamental, com uma turma do quinto ano, o trabalho com o desenho de observação foi realizado dentro da sala de aula, por tratar-se de uma turma muito numerosa e agitada, e também pelo fato de ter sido impossível a negociação com a direção da escola de realizar a aula de observação no pátio. Estando esta turma privada de experimentar a aula em um ambiente externo, acabou-se por procurar recursos nas próprias práticas de aula, onde os alunos poderiam exercitar a percepção visual de uma maneira que atraísse e despertasse o interesse deles para a produção.

Dessa maneira, foi confeccionado um material didático para ser utilizado com a turma que possibilitasse exercitar a percepção visual. Objetos comuns (coador, calculadora, bibelôs...) foram colocados dentro de pacotes elaborados em TNT¹⁵preto. Na proposta de aula em que foi utilizado tal material, os alunos deveriam fazer dois desenhos. O primeiro se partiria da percepção tátil, exercitando com isso a memória e a imaginação, fatores abordados anteriormente, como acionadores de idéias no ato da criação. O segundo desenho seria realizado a partir da observação, onde os alunos deveriam tirar o objeto do pacote e desenhá-lo a partir da observação. Com esta aula evidencia-se a possibilidade de trabalhar com a percepção visual e o desenho de observação dentro da sala de aula, construindo um tipo de atividade em que o aluno se sente totalmente participante e, principalmente, estimulando esta participação do aluno.

¹⁵ Tipo de tecido de baixo custo bastante utilizado no meio escolar, tendo várias finalidades.



Fig. 02 - Desenhos feitos através da percepção tátil e observação.

1.1.2. O Desenho de Observação como prática de aula no Ensino Médio

Trabalhar com a linguagem do desenho no ensino médio pode ser ainda mais desafiador, pois o aluno pode trazer o desinteresse pela aula de arte desde o ensino fundamental, agregado ainda a uma desvalorização da matéria enquanto conteúdo nos seus objetivos finais na escola regular, que, geralmente, se direcionam a um ensino que possibilite uma boa colocação no concurso vestibular ou a um melhor desempenho na área profissional, visando um bom emprego, sendo que, com frequência, a arte é vista como não sendo significativa para se atingir estes objetivos.

Dessa forma, o perfil desse aluno acaba sendo o resultado do reflexo de um processo de aprendizagem pobre de recursos que não o estimulam a perceber que a arte está muito mais presente no mundo e no cotidiano do que se poderia sequer imaginar.

Os conteúdos apresentados pelos Referenciais Curriculares para serem desenvolvidos no ensino médio, podem ser transformados em propostas de aula que possam possibilitar ao aluno dialogar com o universo da arte através da sua realidade,

do que faz parte do seu dia a dia e que poderá contribuir para a aquisição de saberes e entendimento não só no que diz respeito à aula de arte, mas também a de outras disciplinas.

Percebe-se que o aluno do ensino médio absorve muito superficialmente as informações que lhe são passadas, tanto as informais, das quais faz parte o seu universo pessoal, seus interesses, quanto as formais, ou seja, as matérias e os conteúdos desenvolvidos na escola. Nesse sentido, cabe ao professor também ajudar o aluno a desenvolver recursos que o ajudem a decodificar as informações, refletindo sobre o que é entendido.

O desenho de observação proposto em atividades de aula do ensino médio possibilita desenvolver a percepção visual do aluno, ajudando-o a exercitar o olhar e a refletir sobre o que percebe. Como no ensino fundamental, entende-se que a linguagem do desenho pode e deve ser trabalhada com o ensino médio, e os conteúdos propostos nos referenciais curriculares trazem um leque de possibilidades a serem desenvolvidas dentro da linguagem da arte. O aluno deve ser estimulado a perceber tais conteúdos de maneira prazerosa e interessante.

O desenho de observação pode ser um recurso para esse estímulo, pois a percepção visual apura a percepção da realidade que rodeia o aluno, desenvolvendo sua expressividade e seu potencial criador. O aluno desenvolve prazer pelo fazer, pois produz e entende o que produziu, e é capaz de refletir e criar seus próprios conceitos e dialogar com os conceitos já concebidos. Esse diálogo pode ser expandido a outros conceitos, além dos da arte, conectando outros conteúdos, de outras disciplinas enriquecendo o processo de aprendizagem.

Na experiência de uma aula com o desenho de observação, realizada com uma turma do Ensino Médio, percebeu-se como o diálogo do aluno, com o espaço observado acontece naturalmente, e como tal diálogo, estimula no aluno ao ato de desenhar.

Em uma aula fora da sala os alunos escolheram um espaço do pátio da escola para desenhar e um aluno queixou-se por não saber desenhar e muito menos representar a perspectiva percebida no espaço por ele observado. Questionou-se então, como a questão da perspectiva era resolvida nas obras que já se havia visto em

aulas anteriores. Os artistas do pós-impressionismo, entre outros, foram citados e lembrados pelo aluno, criando uma discussão com o restante da turma sobre a influência do material na composição, na utilização do espaço, no caso do papel, como suporte utilizado no desenho, e ainda no resultado final da obra.

Apresentou-se o carvão, pastéis secos e oleosos aos alunos do ensino médio, que foram vistos como novos materiais de desenho, e pediu-se que a oportunidade de experimentar novas maneiras para desenhar fosse valorizada e aproveitada. Explicou-se para o grupo como os materiais são utilizados e os resultados foram muito positivos, surpreendendo a todos, a mim que, como professora, julgava haver resistência ao propor a utilização de novos materiais, e aos alunos, que reconheceram as mudanças positivas nas suas produções.

O aluno que se fez referência anteriormente, também ficou muito surpreso com o próprio resultado, obtido em seu desenho de um espaço que trazia uma imagem em perspectiva. Ele resolveu o problema surgido a partir da proposta da aula, exercitando a percepção visual, sem utilizar cálculos ou réguas, mas sim, elementos da linguagem visual, específicos do contexto artístico, e que certamente podem ser articulados com outras áreas envolvendo outros saberes.



Fig. 03 – Prédio da escola - Desenho de observação

1.2. A linguagem do desenho como instrumento cognoscitivo

Quando se fala em linguagem do desenho, pode-se remeter primeiramente a um fazer artístico, uma representação gráfica realizada por alguém capacitado a decifrar os códigos de tal linguagem. Alguém que dispõe de conhecimentos restritos ao campo das artes. Essa interpretação sobre a linguagem do desenho é bastante comum, considerando-se a carência de informações e a aplicação de tal linguagem no processo de aprendizagem do indivíduo.

A escola talvez seja o único lugar onde, a maioria das pessoas, experimenta o ato de desenhar. São poucos os que dispõem de condições para conhecer e explorar o desenho e seus vários modos de representação, fora do espaço da escola.

Entretanto, verifica-se que o desenho transita por várias áreas de conhecimento. Percebe-se que a linguagem do desenho também está presente em áreas em que a linguagem verbal impõe-se para definir conceitos e padrões, e, diante disso, o desenho representado em outras áreas, que não as da arte, não pode ser percebido como fonte de criação e expressão, o que poderia auxiliar o aluno a ampliar o campo de aquisição de saberes se pudesse perceber e apropriar esta fonte.

Entende-se que o indivíduo que desenvolve conjuntamente ambas as linguagens, verbal e não verbal, adquire uma percepção mais apurada, mais abrangente, mais criativa, sendo capaz de resolver problemas e entender melhor o seu mundo. As interações entre, a linguagem do desenho e as outras áreas de saberes possibilitam outras formas de pensar, criar, recriar, enfim desenvolver capacidade de absorver melhor a informação, apreender os conceitos e resolver problemas específicos de cada área.

Gerar conhecimento por outros caminhos, que não os habituais, criam uma dinâmica nas formas de aprendizagem, fazendo com que o indivíduo desenvolva diferentes formas de raciocínio, enriquecendo a construção de seu conhecimento.

Liana Timm¹⁶ (1996, p 51) reflete sobre o a importância do desenho para o desenvolvimento do raciocínio criativo.

“O desenho possibilita a liberdade necessária à ação criativa, em que o intelecto e a emoção se complementam num movimento integrado. Pela característica da atividade, ou seja, por chamar a si a expressão do indivíduo produtor, o desenho mais produz do que reproduz saberes. Produz, pois utiliza os recursos da percepção e da intuição de forma consciente. Isso possibilita divergir da visão corriqueira, reavaliando e redefinindo o foco de interesse”.

A partir do momento em que o indivíduo percebe e reconhece a presença do desenho em diferentes áreas e representações, fica mais fácil de explorar e desvendar os códigos e conceitos específicos de cada área, criando automaticamente um percurso mais interessante para ser trilhado na apreensão de saberes.

Por outro lado, também se verifica que o desenho manifesta-se de diferentes formas em nosso cotidiano. Mapas, gráficos, plantas arquitetônicas, esboços de

¹⁶ A artista Liana Timm aborda em sua dissertação de mestrado, a importância do desenho como instrumento cognoscitivo, tanto no campo das artes como no da educação formal.

projetos, são alguns exemplos ligados a áreas que envolvem entendimentos mais regrados a limitações e cálculos, ou onde a linguagem do desenho é entendida através de códigos da linguagem verbal, ou seja, a palavra e os números explicam o desenho. Mas, ao se utilizar a arquitetura como exemplo, e, ao se tentar analisar a expressividade do desenho na linguagem arquitetônica, que é representado através da percepção tridimensional do espaço, vê-se que o desenho é o instrumento mais utilizado na elaboração dos projetos arquitetônicos.

Embora a arquitetura tenha um perfil mais técnico e apresente em sua linguagem muitas regras e traços limitados, ela pode se projetar através de várias formas de linguagem como, a escrita, a fotografia, e esculturas, no caso, as maquetes. O desenho continua sendo o que proporciona ao arquiteto registrar o espaço da intervenção e transforma-lo com o próprio desenho, nesse ato de criação o desenho é o meio de percepção e expressão. Na escultura, outro exemplo, agora dentro de uma linguagem mais poética, o desenho também é um projeto que ganha a tridimensionalidade ao se articular dentro do espaço tridimensional.

Assim como se pode conscientizar o aluno das inúmeras formas de representação do desenho, pode-se ampliar também sua percepção sobre a variedade de materiais, pela qual a linha, como elemento gráfico, pode ser construída. Além do grafite, carvão vegetal e outros materiais mais específicos da linguagem do desenho, múltiplos materiais, que não os convencionais, podem representar a linha graficamente, como uma linha construída com lascas de tijolos nas calçadas, os letreiros em néon, e outras tantas manifestações espontâneas, e não menos expressivas, do desenho.

Pode-se entender que o desenho, mesmo que tenha como objetivo um resultado mais preciso, definido por padrões, como nas ciências e técnicas, o processo de pesquisa para o resultado final de um projeto, irá utilizar a linguagem do desenho na sua essência, no esboço descompromissado de cálculos, o que acompanha a rapidez do pensamento e desencadeia um processo expressivo.

Ana Mae Barbosa¹⁷ citada por Edith Derdyk (p 44) diz que:

¹⁷ Pensamento de Ana Mae Barbosa citado em Formas de pensar o desenho de Edith Derdyk, em que aborda a importância do desenho como meio de expressão.

“Seria ocioso demonstrar a indispensabilidade do desenho para os artistas, para os operários, para os engenheiros e para todas as profissões conexas. Para esses, o desenho vale mais que a escrita e até mais do que a palavra. Para qualquer outra profissão, o desenho, se não é indispensável, é pelo menos da maior utilidade”.

Nesse processo expressivo em que o desenhar desencadeia a expressão criadora do aluno dialogando com a sua realidade e com suas idéias, o desenhar o faz pensar, refletir e construir seus próprios conceitos.

Percebe-se que o descaso, ao longo do tempo, com a efetiva participação do desenho na origem da escrita, acabou por desencadear uma desconexão da linguagem escrita perante a percepção visual. Desde os primeiros desenhos da palavra, ou os pré-históricos pictogramas, e até a definição dos signos que representam a escrita, percebe-se a presença do registro visual como extensão do pensamento. É certo que o desenho pode ser visto como uma linguagem antiga e permanente, pois atravessou a história e não perdeu seu caráter inventivo e inovador, sendo uma fonte inesgotável de criação.

Entende-se que a distinção estabelecida pela sociedade entre as linguagens, da escrita e do desenho, foi um dos principais fatores, entre outros, que desencadeou a limitação da percepção do desenho em suas inúmeras manifestações, limitando assim o entendimento de áreas de conhecimento distintas que poderia ter sido adquirido através da troca de experiências perfeitamente compartilháveis e que iria ampliar o repertório visual, criando novas possibilidades de dialogar com vários tipos de linguagens ou transformando substancialmente a aquisição de conhecimento.

Entende-se que a linguagem do desenho, tanto na arte como na ciência ou nas áreas técnicas, é um instrumento que possibilita inúmeras formas de expressão, o que, conseqüentemente, nos possibilita ampliar a comunicação com o mundo.

Acredita-se que fazer com que o aluno tenha o entendimento de que a linguagem do desenho vai além do lápis e papel, e que se pode expressa-la por muitos caminhos, contribui substancialmente na ampliação de seu universo perceptivo.

A linguagem gráfica do desenho, aquela que se manifesta através da linha, pode ser bastante explorada em sua expressividade, e pode vir a desenvolver a percepção do aluno diante de seu mundo, o que está em seu entorno, sendo que, nesse sentido, o

desenho passa a servir para registrar um espaço e materializar uma idéia. Também a partir deste entendimento, o desenho pode vir a ser um instrumento para que se estabeleça uma comunicação entre o que foi percebido e o universo pessoal do aluno, e os seus conceitos e idéias.

Considera-se que essa comunicação constituirá um caminho para o entendimento das várias outras formas de representação do desenho, não só para entendimento, mas também para transformação em novas representações.

Isso exemplifica como o desenho pode ser usado como um instrumento para descobrir, criar, recriar, enfim trabalhar a expressão criadora do aluno, e como ampliando o campo perceptivo, se amplia também o potencial criador.

Por fim, percebe-se que o aluno que desenvolve a percepção se torna capaz de resolver os problemas, dar sentido ao que lhe é ensinado, assimilando e questionando, descobrindo várias formas de construir conceitos, o que o difere do aluno que é limitado a um processo de aprendizagem pobre de recursos e conexões com outros saberes.

2. O DESENHO DE OBSERVAÇÃO NA HISTÓRIA DA ARTE/EDUCAÇÃO

O desenho de observação pode ser considerado uma prática, um exercício presente em ambientes comuns à arte, ou seja, em faculdades de arte, ateliês, instituições de ensino não formal, enfim lugares onde se desenvolvam representações artísticas, e que utilizam a linguagem do desenho para desenvolver o processo de criação.

Ao fazer uma breve análise sobre a utilização do desenho de observação na história da arte/educação, mais especificamente no Brasil, já se presencia o desenho como prática de aula no período da colonização, onde nessa época, o ensino no Brasil estava nas mãos dos jesuítas. Foi criada em 1808, uma aula régia de desenho e figura, onde foi introduzido no Brasil o modelo vivo, e o objetivo desse exercício foi uma idealização do nu observado, ou seja, a imagem observada não representava o que era visto, apenas seguia aos parâmetros neoclássicos, conforme afirma Liana Timm (1996) em sua tese de mestrado.

Com a chegada da Missão Francesa em 1816, padrões neoclássicos se acentuaram nas aulas de arte, e isso se deu, por conta da influência trazida pelos franceses. Nas escolas, o retrato e a cópia eram representados por exercícios formais e nessa época, a metodologia do ensino de arte tinha como fundamento principal o desenho, primeiramente, de partes do corpo humano e num estágio posterior, a observação de bustos de gesso para os exercícios de luz e sombra. Dentro desse sistema, a Academia Imperial de Belas Artes formou vários de nossos artistas do século XIX.

Posteriormente, em 1856 foi criado o Liceu de Artes e Ofícios, que tinha como objetivo, desenvolver a educação popular pela aplicação da Arte às indústrias. Este se configurou como um período de grandes transformações culturais e desenvolveu-se rapidamente com a industrialização. Neste contexto o ensino de arte assume um novo papel, o papel de formar mão de obra especializada. Neste período existiam duas classes de alunos, artesãos e artistas, que freqüentavam as mesmas disciplinas

básicas: matemática aplicada, desenho geométrico e escultura de ornatos. Dessa forma, criava-se então, um curso de artes e ofícios que incluía classes de desenho com aplicação às artes e à indústria.

Esse período foi marcado pela importância atribuída ao desenho na educação popular, feita pelos liberais, que entendiam o desenho como a matéria mais importante da escola primária e secundária. Segundo Lianna Timm (1996), durante esse período o desenho geométrico e a cópia foram bastante valorizados como práticas que serviam aos objetivos propostos para a arte naquele momento, onde o desenho de observação era construído a partir de regras e cálculos previamente determinados tornando-se totalmente inexpressivo.

Ana Mae Barbosa (2002) traça um quadro cronológico pontuando as principais características do ensino da arte no Brasil. Segundo a autora, em 1914 o desenho passou a ser valorizado como elemento informativo pela psicologia, ocorrendo assim as primeiras investigações sobre as características do desenho infantil, que era colocado como refletindo a organização mental. Neste período surgem as primeiras restrições aos modelos impostos à observação.

A partir de então a criança deveria escolher seus próprios modelos a partir de sua própria imaginação. Apesar dessa nova visão sobre o desenho da criança, os valores estéticos da arte infantil só passaram a ser reconhecidos e valorizados como produto estético com a introdução das correntes artísticas expressionistas, futuristas e dadaístas na cultura brasileira, através da realização da Semana de Arte Moderna de 1922. Neste período foram implementados novos métodos no ensino da arte que se baseavam na valorização da expressão e da espontaneidade da criança.

Com a democratização política do Brasil na década de 1930, surgiu um movimento de renovação educacional denominado “Escola Nova”. Inspirado no pensamento do filósofo americano John Dewey, essas novas idéias pedagógicas foram trazidas para o Brasil através dos educadores Nereu Sampaio e Anísio Teixeira. Sua ênfase foi a expressão, como um dado subjetivo. E individual em todas as atividades, que passaram dos aspectos intelectuais para os afetivos.

Alguns métodos renovadores de ensino foram introduzidos na década de 1930, tal como o método naturalista de observação, onde o desenho de observação seria

considerado como uma reflexão visual, a partir da articulação da observação com a imaginação. Ana Mae¹⁸ (2002, p.83) define o exercício de observação para o ensino da arte determinado por Dewey, como apreciação naturalista ao dizer:

“Este caráter naturalista torna possível um correlacionamento entre seu princípio primitivo de arte-educação e os do romantismo. A idéia da realidade natural como um elemento para desenvolver a integração mental funda-se na convicção de Dewey sobre os efeitos transcendentais da observação da natureza, que é também a base da teoria romântica”.

Entende-se que a maioria dos métodos inspirados nas idéias de Dewey, no ensino da arte do Brasil continua sendo atual e ainda são considerados vanguarda educacional, o que evidencia métodos como, o desenho de observação articulado com a reflexão visual, passíveis de serem trabalhados no ensino da arte de hoje em dia.

Em um exemplo de exercício que integra a observação com a auto-expressão, de acordo com o modelo sugerido por Dewey, propõe-se a uma criança ou grupo que apresenta desenhos pobres da figura humana, um procedimento que deve começar com a observação de um colega como modelo. O professor deve propor o desenho a partir da observação direta, depois propor outro desenho que inclua a figura observada.

Esta proposta é completamente pertinente a este trabalho, e me faz lembrar uma experiência vivenciada em uma aula referente ao quinto ano do Ensino Fundamental, em que os alunos deveriam desenhar seu colega observando-o atentamente. No primeiro desenho, percebeu-se certa limitação da expressividade. E foi então proposto um novo desenho, em que, desta vez, os alunos deveriam experimentar desenhar mantendo o foco no colega, sem olhar para o papel e sem levantar o lápis do papel. Este procedimento é conhecido como desenho cego, e acredita-se ser um exercício adequado para se trabalhar a expressividade. Na seqüência proposta, foi solicitada a produção de um novo desenho de observação do colega, o que permitiu uma nova interação com a realidade, gerando uma nova representação do que estava sendo observado.

¹⁸ Em sua tese de doutorado, Ana Mae estudou a repercussão dos pensamentos do filósofo Dewey, em propostas educacionais nos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Pernambuco.

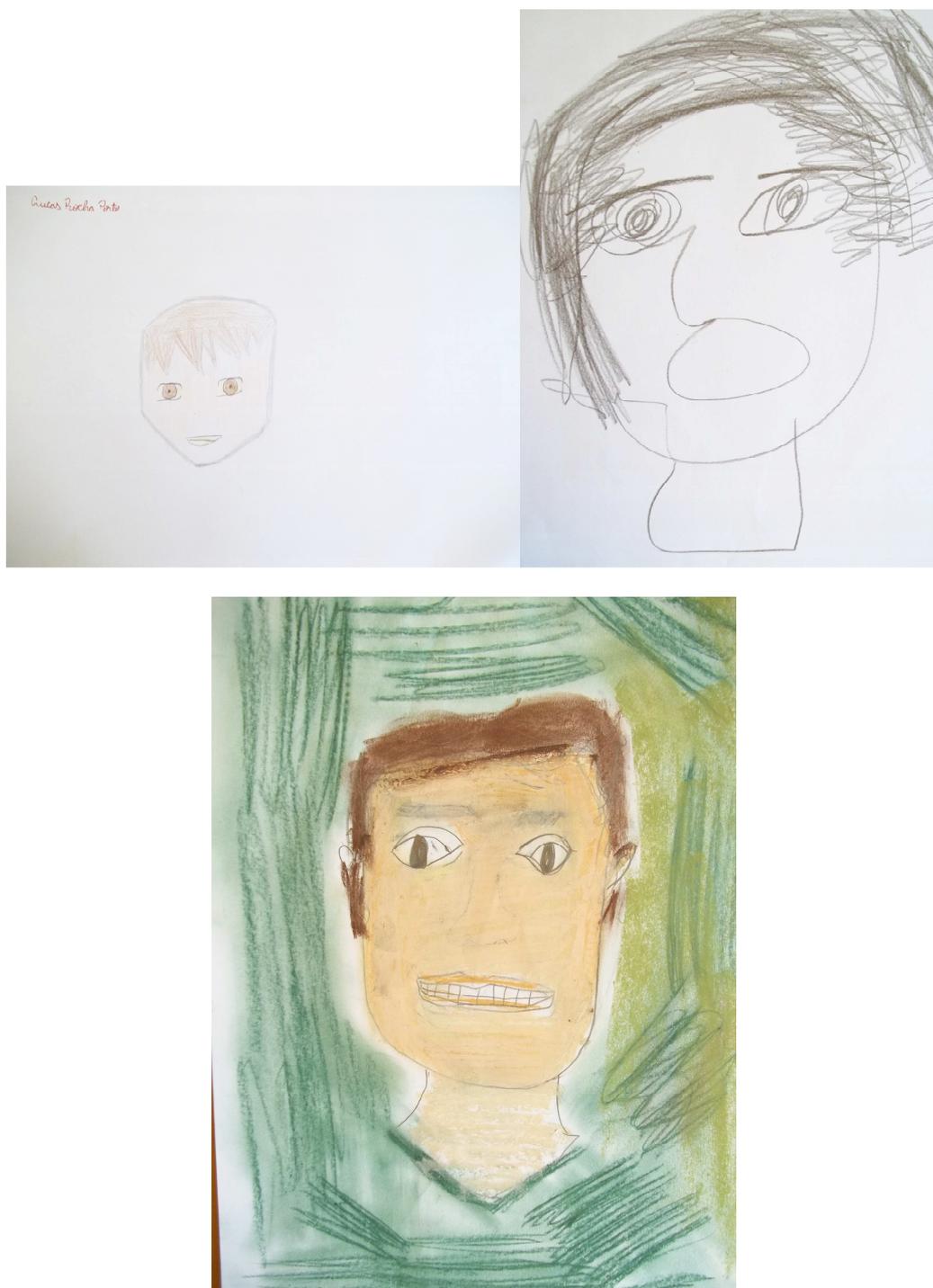


Fig. 04 – sequencia de desenhos a partir da observação do colega

Retomando a trajetória do desenho na história da Arte/Educação no Brasil, em 1948 foi fundada, no Rio de Janeiro, a Escolinha de Arte do Brasil (EAB), como o início

do que seria mais tarde denominado MEA – Movimento Escolinha de Arte, formado por um conjunto de 140 escolinhas espalhadas ao longo do território nacional. Novas possibilidades surgiram para a Arte/Educação brasileira, em relação ao desenvolvimento da capacidade criadora, conforme explicitado por Ana Mae Barbosa (1975, p. 46):

“Somente em 1948, com a criação, da Escolinha de Arte do Brasil, novos horizontes se abrem para novas concepções, e o objetivo mais difundido da Arte-Educação passou a ser, entre nós, o desenvolvimento da capacidade criadora em geral”.

O MEA, ao longo de sua história, recebeu diferentes influências e contribuições teóricas de educadores, psicólogos e artistas. As idéias pedagógicas do MEA partiam da proposta de educar através da arte, buscando valorizar a arte da criança a partir de uma concepção de ensino baseada no desenvolvimento da livre expressão e da liberdade criadora.

Neste período houve uma dessacralização da obra de arte, baseada na idéia de que todas as crianças, em potencial, eram capazes de produzir e de expressar-se através da arte. No entanto, acreditava-se que para que a criança fosse capaz de produzir a sua própria arte era preciso reserva-la da arte instituída, a arte que era produzida pelo adulto, pois, a arte adulta não deveria ser apresentada para a criança como modelo, e a aproximação com o universo da arte adulta, deveria acontecer naturalmente.

Essa maneira de proceder possibilitou privilegiar um valor fundamental divulgado pela Arte/Educação Modernista: a originalidade como um fator primordial do fazer artístico. Durante esse período, percebe-se a prática de aula como uma produção de desenho e pintura como forma de expressão do pensamento da criança. Em geral, as práticas são trabalhadas de forma livre, sem qualquer intervenção ou mediação do professor na percepção dos produtos artísticos e na realização da produção da criança, partindo da crença de que a aprendizagem do conhecimento artístico ocorre de forma espontânea, sem haver necessidade de qualquer trabalho de intervenção ou mediação do professor. A grande ênfase nessa concepção é sobre as ações mentais

desenvolvidas durante a realização da atividade artística, ou seja, sobre o processo, tendo pouca importância o produto resultante.

Em 1971, a partir da lei que instituiu a obrigatoriedade do ensino de arte nos currículos das escolas de 1º e 2º graus, o ensino de arte no Brasil passou a ser designado através da rubrica “Educação Artística”. Apesar de instaurar a obrigatoriedade do ensino da arte na educação escolar, a Lei, ao designar os componentes do currículo, classificou-os em duas modalidades: Disciplinas, que envolviam áreas do conhecimento com objetivos, conteúdos, metodologias e processo de avaliação específica, e atividades representadas pelo desenvolvimento de práticas e procedimentos. Dessa forma, a arte, dentro do currículo escolar, passou a desempenhar, apenas, o papel de mera atividade.

Apesar de uma trajetória conceitual curta, a concepção de ensino da arte como atividade, cristalizou no ensino de arte diferentes práticas pedagógicas, que se encontra ainda hoje, nas escolas, como, preparar apresentações artísticas e objetos para datas comemorativas além de fazer a decoração da escola para as festas cívicas e religiosas; entre outras.

A Linguagem do Desenho esteve presente em todos os períodos descritos que fizeram parte da estruturação do ensino da arte no Brasil. Em cada período o desenho se definiu de acordo com as concepções de arte estabelecidas pela sociedade e instituições de ensino. O desenho de observação perpassou por todas essas etapas, sendo que foi utilizado, basicamente, como uma atividade de cópia, não levando em consideração todo o processo de descobertas e expressividade que surgem durante a produção e que se entende que são extremamente importantes no processo de aprendizagem.

Atualmente, no Brasil, a abordagem contemporânea da Arte/Educação está relacionada ao desenvolvimento cognitivo, que, segundo Barbosa (2005), vem se impondo cada vez mais entre os arte-educadores brasileiros. Essa compreensão leva a pensar sobre o ensino de arte na educação escolar de maneira diferente provocando o deslocamento das nossas preocupações relacionadas à questão de “como se ensina arte” para “como se aprende arte”. Essa questão tem gerado, ao longo

de mais de duas décadas, teorias e estudos que buscam explicar o processo de ensino-aprendizagem dos conhecimentos artísticos.

E é dentro desse perfil do ensino da arte, que valoriza o processo cognitivo, que se tem realizado esta reflexão sobre a importância do desenho de observação como um instrumento para desenvolver habilidades no processo de aprendizagem dentro da escola regular.

3. O DESENHO DE OBSERVAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE

A Linguagem do desenho a partir de definições tradicionais tem o grafite como instrumento principal para a construção gráfica e o papel é o suporte utilizado com mais frequência. O uso do desenho como procedimento de observação atua em um terreno comum da comunicação e da representação.

Entende-se hoje, que o desenho vem se transformando tendo se alinhado com as linguagens contemporâneas, ao se tornar também um instrumento que se relaciona com a realidade circundante. Nesse sentido, o desenho surge como um meio de reflexão das idéias que podem vir a se materializar no papel ou em outro suporte. Entende-se que o desenho é capaz de representar graficamente tanto o que faz parte da realidade como o que existe na mente do indivíduo, se configurando entre o imaginário e o real, entre o mundo dos sonhos, das recordações e o mundo dos materiais e das sensações físicas.

O que se percebe na arte contemporânea, tanto no desenho como nas outras linguagens artísticas, é o rompimento com as regras tradicionais, onde a visão retiniana deixa de ser a projeção real do mundo, passando a imaginação a ampliar a nossa projeção do mundo, relacionando o que é visto com o que é sentido. Seguindo esse pensamento também o desenho de observação pode ser considerado como um meio capaz de transformar a visão real, transformando o que é visto, e isso implica diretamente em um processo de criação.

Lembrando Edith Derdik (1994) e uma das suas definições de desenho como “fábrica de imagens”, o desenho conjuga elementos oriundos do domínio da observação sensível do real e da capacidade de imaginar, que se projetam através da vontade de significar.

O desenho proporciona inúmeras possibilidades de produzir, articulando o real, o percebido e o imaginário. Essa articulação da percepção visual com a imaginação proporciona as inúmeras representações do desenho na contemporaneidade, que pode ser desenhado, pintado, esculpido, enfim é construído por associações de materiais, quer sejam apropriados da natureza, folhagens, água, raios, nuvens, quer sejam

apropriados do mundo da cultura, lixo urbanos, fragmentos industriais, quer sejam produções tecnológicas e multimídias.

As múltiplas linguagens da arte contemporânea estabelecem novos códigos de expressão, onde o desenho se manifesta através de várias representações, surgindo em diversos materiais e suportes.

Acredita-se que o desenho de observação continua sendo reconhecido como um instrumento de registro gráfico, e que poderá servir para o artista em suas anotações, trazendo em apontamentos gráficos, as reflexões e idéias para a seu processo de criação. Esse registro gráfico pode ser o ponto de partida de um projeto, que poderá ter inúmeras representações dependendo do suporte e material utilizados na produção da obra, podendo esta ser além do próprio registro gráfico do desenho, uma pintura, uma fotografia, ou ganhar a tridimensionalidade com a escultura ou instalações, enfim qualquer tipo de representação artística. Mesmo em uma obra mais conceitual, existe um momento em seu processo de concepção, um registro, um apontamento de alguma idéia que compõe a obra. Cecília Almeida Salles¹⁹(2007, p.33) aponta a importância do desenho como reflexão visual:

“É importante destacar que o desenho como reflexão visual, não está limitado à imagem figurativa,mas abarca formas de representação visual de um pensamento, isto é, estamos falando de diagramas, em termos bastante amplos, como desenhos de um pensamento, uma concepção visual ou um pensamento esboçado. Não é um mapa do que foi encontrado, mas um mapa confeccionado para encontrar alguma coisa”.

Pensando no desenho como reflexão visual no processo de criação, pode-se estender essa definição, tão representativa do universo artístico, para o processo de criação no ensino em arte da educação formal. A idéia de que a percepção visual estabelece um diálogo com a realidade circundante, citada anteriormente, é indispensável no processo de aprendizagem na educação formal, auxiliando o aluno a desenvolver as habilidades necessárias para entender a arte contemporânea. A reflexão visual pode ajudar tanto no processo de criação e produção do aluno, quanto na leitura de imagem, pois torna o entendimento sobre os elementos de criação e

¹⁹ Cecília Almeida Salles, traz reflexões sobre os desenhos da criação e processos criativos.

conceitos oriundos de uma obra, mais fáceis de serem compreendidos. Concorde-se com Miriam Celeste Martins (2001)²⁰ quando diz: “(...) Lidar com arte é construir um olhar cada vez mais sensível e crítico para perceber como os elementos estéticos trazem significados diversos”.

Desenvolver atividades que estimulem o olhar do aluno para a produção em arte, facilita o entendimento sobre o que o aluno produz, e o que está sendo produzido em arte no seu contexto social, especificamente a arte contemporânea, tão incompreendida por seu caráter inovador, se comparada à arte acadêmica que é considerada pela grande maioria dos alunos como a “verdadeira” arte. Ana Mae Barbosa (1991, p. 38), fala da importância de se desenvolver a percepção visual para se expandir habilidades de leitura de obras:

“(...) A crítica de arte desenvolve a habilidade de ver e não apenas olhar as qualidades que constituem o mundo visual, um mundo que inclui e excede as obras de arte. A história da arte ajuda as crianças a entender algo do lugar e do tempo nos quais as obras de arte estão situadas. Nenhuma obra de arte existe no vácuo: parte do significado de qualquer obra depende do entendimento de seu contexto”.

Em uma experiência construída com o segundo ano do Ensino Médio, em uma aula sobre Arte Moderna, imagens de obras de artistas que representam o movimento como: Matisse e Picasso foram mostradas, surpreendendo a maioria dos alunos que conheciam muito superficialmente estes artistas, e, para a grande maioria eram simplesmente desconhecidos, e, muitos sabiam da existência de Picasso, mas não conseguiam associar o artista à obra. Além das características formais das obras, procurou-se buscar o entendimento do aluno para o processo de criação dos artistas desse período, fazendo uma comparação entre as diferentes expressões resultantes da produção de cada artista, que fazem parte de um mesmo período, mas tem diferentes conceitos e elementos estéticos. O objetivo da aula em que se falou sobre os períodos da história da arte foi orientar o aluno a desenvolver habilidade para perceber a intenção do artista a partir dos elementos estéticos. Basicamente despertar no aluno à vontade de descobrir o que está por trás de uma idéia, não buscando uma resposta

²⁰ Entrevista concedida pela arte educadora Miriam Celeste Martins a Revista Nova Escola, onde a autora fala sobre a importância da aproximação do ensino em arte com a arte contemporânea através de visitas a exposições e a leitura de imagens.

definitiva, mas proporcionando inúmeras possibilidades de refletir e questionar sobre a produção em arte.

Para a mesma turma foi proposto um projeto de intervenção artística, onde o aluno deveria optar fazer uma intervenção artística em um espaço da escola, ou fazer um auto-retrato com um material de sua escolha. Tais projetos deveriam partir do desenho. Na aula em que foi proposto o projeto, foram utilizadas imagens de obras de intervenções urbanas Florentijn Hofman, Christo Javacheff, instalações de Ernesto Neto, entre outros. Para os auto-retratos foram lembradas obras já vistas em outras aulas, em diversos períodos da história da arte, além de também inserir artistas contemporâneos que trabalham com retratos, como Vik Muniz.

Foi uma aula muito interessante, pois foi percebido o impacto que as imagens causam, provocando discussões e fazendo os alunos perceber que uma obra de arte pode estar representando ou transformando uma ideia que faz parte de seu mundo. Os alunos viram que a arte não necessita estar necessariamente, representada no plano bidimensional e que pode ser produzida a partir de uma infinidade de materiais. Foi uma aula muito satisfatória por proporcionar aos alunos algum acesso a arte contemporânea, mesmo que por imagens construídas em PowerPoint.

O que foi verificado é que a turma que antes não se interessava pela aula de arte se mostrou interessada em conhecer mais sobre arte, alguns alunos ao terminar o período, vieram solicitar endereços eletrônicos onde pudessem ter acesso a mais imagens sobre arte urbana. Naquele dia alguma coisa mudou para os alunos da turma 201 no conceito que eles tinham sobre arte, e esse foi considerado um momento gratificante para alunos e professora.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenho foi reapresentado como prática de aula para alunos que desconheciam as muitas possibilidades de expressão contidas na linguagem do desenho. O desconhecimento das possibilidades do desenho por parte dos alunos acabava por criar uma resistência e um desinteresse pelo ato de desenhar. O projeto de estágio supervisionado foi construído a partir dessa observação da atitude dos alunos associada a estudos e pesquisas sobre o ensino em arte e seus fundamentos sobre a importância da arte na construção de conhecimento dentro da escola regular.

Nesse contexto, buscou-se utilizar a linguagem do desenho, especificamente o desenho de observação como ferramenta para desenvolver a percepção visual, fazendo com que o aluno exercitasse o seu olhar buscando uma comunicação com o seu meio, e coletando da sua realidade elementos para construir seu próprio repertório visual. A prática do desenho de observação em aula trouxe uma dinâmica para as aulas ao propor atividades diferenciadas do que os alunos estavam acostumados em seu cotidiano escolar.

A resposta obtida a partir da produção dos alunos ao final do projeto comprova que o aluno que desenvolve a percepção se torna capaz de resolver os problemas que lhe são propostos, e dar sentido ao que lhe é ensinado assimilando e questionando, descobrindo várias formas de construir conceitos, constituindo uma diferença do aluno que é limitado a um processo de aprendizagem pobre de recursos e experimentações.

A partir das práticas de aula com o desenho de observação foi possível exercitar a percepção visual, trabalhando a atenção e o raciocínio simultaneamente, e com isso, o aluno foi capaz de encontrar dentro da linguagem do desenho, possibilidades de criar seu próprio repertório visual, desenvolvendo seu processo de criação, o que o afastou da cópia, e do desenhar por desenhar.

Acredita-se que o processo expressivo do ato de desenhar desencadeia a expressão criadora do aluno, que dialoga com a sua realidade e com suas idéias, fazendo-o pensar, refletir e construir seus próprios conceitos.

Entende-se a partir do que foi proposto e aplicado no estágio ser fundamental trabalhar a percepção visual, sendo o desenho de observação um comprovado instrumento para isso.

A construção de uma linguagem expressiva como a linguagem do desenho, implica trabalhar a experimentação articulada com a sintonia entre o aluno e o professor, no sentido de o professor conseguir perceber e ativar o que cada aluno necessita pra desenvolver seu potencial criativo.

Na realidade da escola, no processo de ensino-aprendizagem de cada aluno, encontram-se desafios, a serem enfrentados, e cabe ao professor de arte encontrar recursos, buscar novos instrumentos, no sentido de proporcionar ao aluno múltiplas formas de apreender os conteúdos explorados. Dessa forma, o entendimento por parte do aluno dos conteúdos propostos torna-se mais interessante o que irá refletir de forma positiva na aprendizagem, tornando o diálogo entre a disciplina, o professor e o aluno mais gratificante.

Levando em consideração as experiências que aconteceram em sala de aula, durante a aplicação do projeto de estágio, pode-se perceber que é possível romper com a inanição que toma conta das aulas de arte. Mesmo dispondo de pouco recurso material e espaço físico, pode-se projetar uma boa aula a partir de uma ideia embasada em conceitos, técnicas e procedimentos, enfim tendo como eixo os elementos pertinentes ao universo da arte que já são em si grandes motivadores, necessitando somente de ser construído o seu acesso.

Referências

ARNHEIM, R. Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora. São Paulo: Pioneira/USP, 1980.

BARBOSA, A. M. Arte-educação: leitura no subsolo. São Paulo: Cortez, 1997.

_____. A imagem no ensino da Arte. São Paulo: Perspectiva; Porto Alegre: Iochpe, 1991.

_____. John Dewey e o ensino da arte no Brasil/ Ana Mae Barbosa. 5. Ed.- São Paulo: Cortez, 2002.

_____. Teoria e prática da educação artística. São Paulo: Cultrix, 1975.

_____. Uma introdução à Arte/Educação Contemporânea. 10f. São Paulo, 2005 (mimeo).

DERDYK, Edith. Disegno. Desenho. Designo. São Paulo, editora SENAC, São Paulo 2007.

_____. Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil. 2ed. São Paulo; Editora Scipione, 1994, 240p.

_____. Entrevista com a artista Edith Derdyk. Sobre o papel do professor que ensina a desenhar. Boletim Arte na Escola, n. 62. Junho/julho de 2011, p.8. Disponível em: www.artenaescola.org.br

EFLAND, Arthur D. Una história de la educació del art. Tendencias intelectuales y sociales en la enseñanza de las artes visuales. Barcelona: Gràfiques, Espanha, 2002.

GARDNER, H. As artes e o desenvolvimento humano: um estudo psicológico artístico. Porto Alegre; Artes Médicas, 1997.

LOWENFELD, V. e BRITAIN, W. L. Desenvolvimento da capacidade criadora. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

MARTINS, Miriam Celeste. Entrevista com a arte-educadora. A arte explica a vida. Revista Nova Escola. Abril de 2001. Disponível em www.revistaescola.abril.com.br

_____. Não sei desenhar: implicações no desvelar/ampliar do desenho na adolescência – Uma pesquisa com adolescentes em São Paulo, dissertação de mestrado. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes da USP, 1982.

OSTROWER, Fayga. Criatividade e processos de criação. Rio de Janeiro, Imago, 1977.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: 5ª a 8ª séries do ensino Fundamental, Secretaria da Educação Fundamental. Brasília. MEC;SEF. 1998.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: Ensino Médio. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Média e Tecnológica. Brasília: MEC, 1999.

PILLAR, Analice Dutra. A educação do olhar no ensino das artes. Porto alegre; Ed. Mediação, 1999.

REFERENCIAL CURRICULAR, Lições do Rio Grande. Vol II, Linguagens Códigos e suas Tecnologias. Artes e Educação Física.

SALLES, Cecília Almeida. Desenhos da criação □ IN: Derdyk, Edith (org). Disegno. Desenho. Desígnio. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007..

_____ Gesto inacabado: processo de criação artística. 2ed. São Paulo; FAPASP; Ana Blume, 2004, 168 p.

TIMM, Liana. Desenho e conhecimento: uma pedagogia da produção. Porto Alegre: UFRGS/FACED, 1996.

5. ANEXO

Projeto de Estágio – Planos de aula

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Instituto de Artes

Departamento de Arte Visuais

Licenciatura em Artes Visuais

Proposta de Projeto de Estágio

Percebendo o mundo através do olhar

Andrea Craveiro Jahn

Porto Alegre, julho de 2011

A proposta de projeto que está sendo apresentada será aplicada no Instituto Estadual Rio Branco²¹, em turmas do ensino fundamental, quinto e sexto anos (turmas 53 e 62), e ensino médio correspondente ao segundo ano (turmas 201 e 203). O período de arte tem duração de 50 minutos.

Nas quartas-feiras das 16:42 às 17:30, referente ao último período, terei a turma 62.

Nas quintas-feiras das 10:20 às 12:00, referente ao penúltimo e último período, terei as turmas 203 e 201 respectivamente.

E nas sextas-feiras das 15:54 às 16:42, terei a turma 53, no penúltimo período.

O projeto de estágio se desenvolverá a partir da segunda semana de agosto, e deverá ser aplicado em dez aulas, durante o segundo trimestre do ano letivo.

A turma 53, referente ao quinto ano do fundamental, é grande com 36 alunos, que correspondem à faixa etária do quinto ano. A sala é bastante ampla. No primeiro semestre trabalharam com o conceito da cor, onde viram as cores primárias e secundárias, confeccionando desenhos livres em folhas de desenho tamanho A4, utilizando somente lápis grafite e lápis de cor.

Turma 63 é menor, com 26 alunos, bastante agitada, mas aplicada quando solicitada, temos nessa turma um aluno especial (Guilherme), mas bastante participativo e respeitado pelos colegas.

Turma 203 é pequena com 25 alunos, sendo três especiais, um menino e duas meninas, bastante participativos e são respeitados pelos colegas, interagem normalmente conversando e trocando materiais.

A turma 201 é maior que a 203, temos 26 alunos, mais agitados, mas muito receptivos, e participativos.

²¹ Instituto Estadual Rio Branco, localizado na av. Protásio Alves, 999 - bairro Santa Cecília.

TÍTULO

Percebendo o mundo através do olhar

JUSTIFICATIVA

Penso no desenho de observação como uma ferramenta para o desenvolvimento da expressão criadora do aluno através da percepção visual, enfatizando o exercício do olhar. Acredito ser possível dinamizar as aulas de arte, que abordam a linguagem do desenho muito superficialmente, geralmente de maneira enfadonha, limitadas ao desenho livre e dispondo de poucos recursos materiais.

OBJETIVO

Trabalhar o desenho de observação, articulado com a experimentação de novos recursos materiais e espaços. Possibilitar aos alunos a aquisição de informação do mundo, do que vêem, mas na maioria das vezes não percebem. Motivar o aluno a exercitar o olhar, assimilando as diferenças e sendo capazes de criar e recriar, produzindo e se comunicando com a realidade a sua volta.

O projeto busca desenvolver no aluno o gosto pela produção e criação, mostrando a linguagem do desenho com seus elementos. Trazer ao conhecimento dos alunos a arte em suas diferentes manifestações. Sensibilizar o olhar do grupo para um ambiente tão comum a eles, muitas vezes despercebido pela fugacidade.

RECURSOS

A escola disponibiliza alguns recursos como o laboratório de informática, e alguns materiais, que usarei no projeto (papel Kraft, lápis de cor, cola...).

Os espaços das salas de aula são compatíveis com as propostas.

A escola libera espaço para a fixação dos murais.

A biblioteca da escola dispõe de alguns livros de história da arte.

Terei que fornecer alguns materiais, para agregar aos que a escola fornece como: tesoura, cola, papéis coloridos e retalhos de tecidos.

ELEMENTOS EM JOGO

Bidimensional
e
tridimensional

Espaços:
interno e
externo

Macro e micro
espaço

olhar

Leitura de
imagens

identidade

Aulas programadas para a turma 53

Primeira aula – dia 02/9

A aula será uma sondagem sobre o tema.

Farei uma chamada diferenciada, como uma maneira de dinamizar a aula. Os alunos deverão responder, pela sua habitual presença, a primeira coisa (imagem) que eles vêem na sala de aula. Serão estipuladas as seguintes regras: não pode ser um colega, não podem repetir. As respostas serão anotadas no quadro e serão posteriormente analisadas em conjunto.

O que tem em comum?

Quantas vezes se repetem?

De onde vieram?

Fazem parte do ambiente?

Segunda aula – dia 09/9

Apresentarei fotos de lugares comuns à turma na escola.

Em um primeiro momento as imagens serão em ângulos diferenciados, difíceis de perceber e reconhecer.

Em um segundo momento, as imagens dos mesmos lugares fotografados serão mostradas de maneira convencional, onde reconhecerão facilmente os locais fotografados.

Quais as diferenças que aparecem nos dois tipos de fotos?

Por que são diferentes?

Instigando os alunos a explorar o desenho de observação como ferramenta de criação.

Os alunos deverão escolher um local, lugar, canto, da Escola para desenharem a partir da memória.

Em um segundo momento, os alunos deverão transformar, tal espaço desenhado: acrescentando formas com o desenho, colorindo com cores diferentes das originais, recortando e remontando através da colagem.

Deverão dar um título para o desenho.

Recolherei os desenhos.

Materiais utilizados:

Papéis em diferentes tamanhos.

Lápis grafite. pastel seco e oleoso, lápis de cor, canetinha hidrocor, cola, tesoura.

Xerox de fotos de espaços e ambientes da escola.



Fig. 05 - Desenho de memória da portaria da escola

Terceira aula – 23/9

Em um primeiro momento farei um breve relato sobre o retrato na história da arte. Serão mostradas imagens de retratos de alguns movimentos artísticos e suas respectivas características.

Em um segundo momento os alunos deverão em duplas realizar um retrato chinês do colega, se fosse uma cor, um animal...qual seria?



Figuras 06 e 07 – Retrato chinês e retrato do colega.

Quarta aula – 14/10

Retomada da aula sobre auto-retrato e retrato.

Em duplas os alunos deverão desenhar o retrato do colega.

Primeiro de memória, depois um desenho cego e por último a partir da observação.

Materiais:

Materiais de desenho.

Quinta aula – 20/10

Observação e identidade.

Em duplas os alunos deverão desenvolver uma figura em conjunto. A partir de uma dobradura na folha A4(quatro partes), os alunos deverão desenhar uma figura composta de quatro partes(cabeça, tronco e membros superiores, pernas e pés) que represente uma figura, construída em conjunto pela dupla que irá se alternar desenhando parte por parte da figura (a idéia que impulsionou essa proposta foi o cadavre exquis).



Figuras 08 e 09 – cadavre exquis, figura composta em dupla.

Sexta aula – 20/10

Colocarei os desenhos expostos e questionarei os alunos se identificam o que desenharam, e digam o que vêem. Análise e considerações sobre os desenhos.

Sétima aula – 21/10

Desenho de observação de objetos.

Objetos variados empacotados em sacos de TNT preto.

Os alunos farão em um primeiro momento um desenho a partir da percepção tátil, através do que sentem ao manusear os objetos dentro dos pacotes.

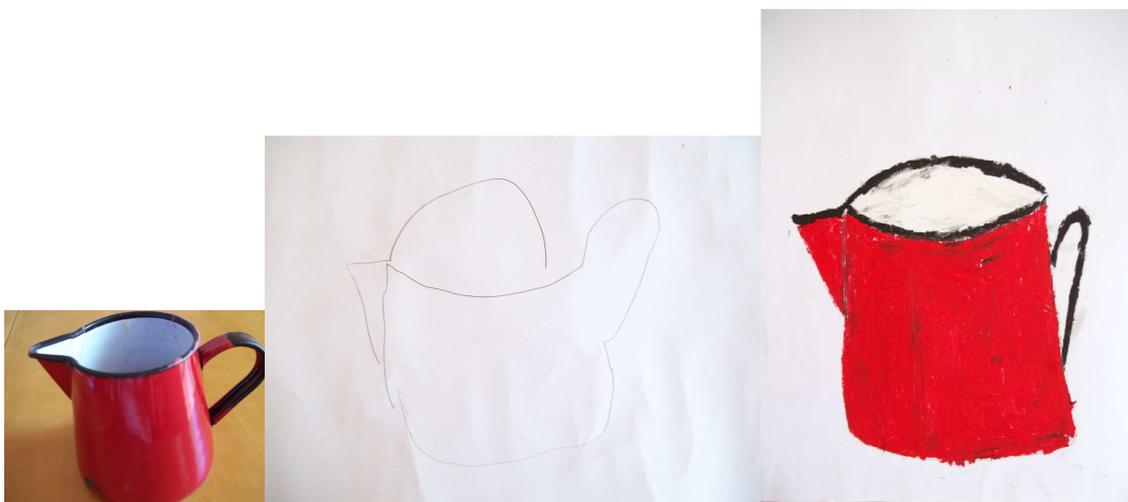
Em um segundo momento os alunos irão desempacotar o objeto e desenhá-lo a partir da observação.

Materiais: Objetos variados, sacos de TNT preto de tamanhos variados e materiais de desenho.

Oitava aula – 21/10

Os alunos trocarão os objetos e farão um desenho cego do mesmo. Em seguida, farão um desenho de observação do mesmo objeto.

Análise em grupo das produções da turma.



Figuras 10,11 e 12 – Objeto, desenho cego e desenho de observação.

Nona aula – 04/11

Em um primeiro momento a aula será uma reflexão sobre a Linguagem do Desenho. Onde aparece o desenho? Em que profissões podemos ver o desenho? Como podemos desenhar? Com o que podemos desenhar?

Décima aula – 04/11

Em um segundo momento os alunos escolherão uma representação do desenho e deverão justificar sua escolha e socializar seu desenho.

Faremos um mural da turma com os desenhos.

Os alunos deverão sugerir um nome para o mural e um local para fixá-lo.
Após a escolha do título pela turma, selecionaremos um desenho de cada aluno para fixarmos no mural.
Fixaremos o painel no local escolhido.

Aulas programadas para turma 62

As aulas da turma 62 acontecem às quartas-feiras. Teremos três feriados que cairão em quartas feiras, por isso as aulas de arte referentes ao estágio nessa turma, ultrapassarão as datas previstas para as demais turmas do estágio.

Primeira aula - 17/8

A aula será uma sondagem sobre o tema.

Farei uma chamada diferenciada, como uma maneira de dinamizar a aula. Os alunos deverão responder, pela sua habitual presença, a primeira coisa (imagem) que eles vêem na sala de aula. Serão estipuladas as seguintes regras: não pode ser um colega, não podem repetir. As respostas serão anotadas no quadro e serão posteriormente analisadas em conjunto.

- O que tem em comum?
- Quantas vezes se repetem?
- De onde vieram?
- Fazem parte do ambiente?

Segunda aula - 24/8

Apresentarei fotos de lugares comuns à turma na escola.

Em um primeiro momento as imagens serão em ângulos diferenciados, difíceis de perceber e reconhecer.

Em um segundo momento, as imagens dos mesmos lugares fotografados serão mostradas de maneira convencional, onde reconhecerão facilmente os locais fotografados.

- Quais as diferenças que aparecem nos dois tipos de fotos?
- Por que são diferentes?

Instigando os alunos a explorar o desenho de observação como ferramenta de criação.

Os alunos deverão escolher um local, lugar, canto, da Escola para desenharem a partir da memória.

Em um segundo momento, os alunos deverão transformar, tal espaço desenhado: acrescentando formas com o desenho, colorindo com cores diferentes das originais, recortando e remontando através da colagem.

Deverão dar um título para o desenho.

Recolherei os desenhos.

Materiais utilizados:

Papéis em diferentes tamanhos, lápis grafite, pastel seco e oleoso, lápis de cor, canetinha hidrocor, cola, tesoura, xerox de fotos de espaços e ambientes da escola.

Terceira aula - 31/8

Desenho de observação no pátio da escola.

Os alunos deverão escolher um espaço da escola para desenhar.

Quarta aula - 14/9

Em um primeiro momento farei um breve relato sobre o retrato na história da arte. Serão mostradas imagens de retratos de alguns movimentos artísticos e suas respectivas características.

Em duplas os alunos deverão desenhar o retrato do colega.

Primeiro de memória, depois um desenho cego e por último a partir da observação.

Quinta aula - 21/9

Exposição dos desenhos feitos até então pela turma. Análise dos desenhos e discussão sobre os resultados dos desenhos produzidos.

Sexta aula - 28/9

Os alunos trabalharão em grupos. Os desenhos de observação serão devolvidos e coloridos com pastéis secos e oleosos. Os grupos serão formados de acordo com os locais em comum representados nos desenhos. Serão orientados na utilização dos materiais.

Sétima aula - 05/10

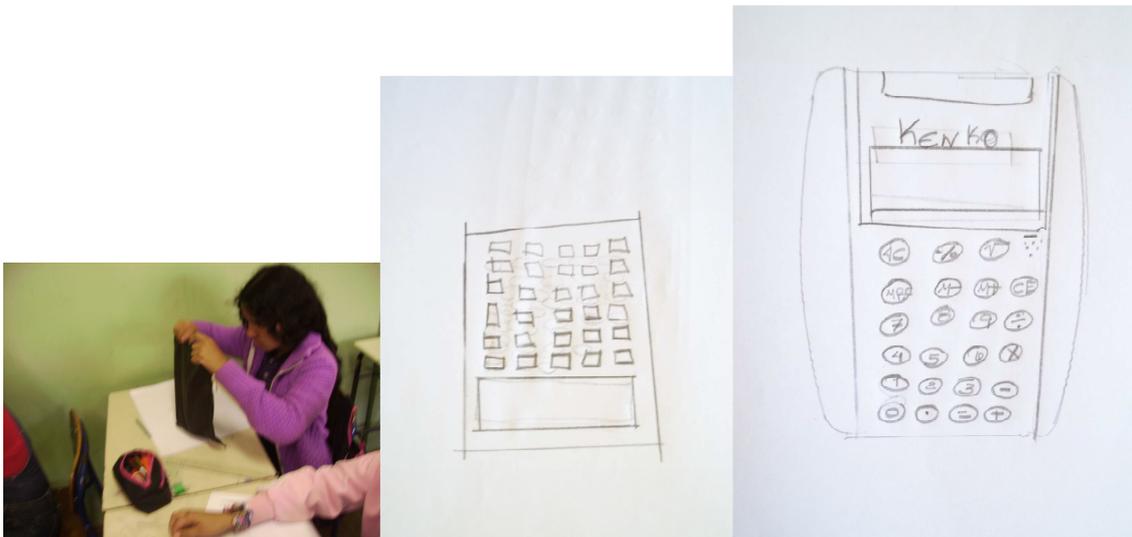
Desenho de observação de objetos.

Objetos variados empacotados em sacos de TNT preto.

Os alunos farão em um primeiro momento um desenho a partir da percepção tátil, através do que sentem ao manusear os objetos dentro dos pacotes.

Em um segundo momento os alunos irão desempacotar o objeto e desenhá-lo a partir da observação.

Materiais: Objetos variados, sacos de TNT preto de tamanhos variados e materiais de desenho.



Figuras 13,14 e 15 – Aluna manuseando material, desenho através da percepção tátil e desenho de observação.

Oitava aula - 19/10

O que você empacotaria?

Em um primeiro momento serão apresentadas imagens de obras do artista Christo.

Em um segundo momento os alunos deverão escolher um espaço ou um objeto e fazer um projeto em desenho de como empacotaria tal espaço ou objeto.

Material: material de desenho.

Nona aula - 26/10

Em um primeiro momento a aula será uma reflexão sobre a Linguagem do Desenho. Onde aparece o desenho? Em que profissões podemos ver o desenho? Como podemos desenhar? Com o que podemos desenhar?

Em um segundo momento os alunos escolherão uma representação do desenho e deverão justificar sua escolha e socializar seu desenho.

Décima aula - 09/11

Faremos um mural da turma com os desenhos.

Os alunos deverão sugerir um nome para o mural e um local para fixá-lo.

Após a escolha do título pela turma, selecionaremos um desenho de cada aluno para fixarmos no mural.

Fixaremos o painel no local escolhido.

Aulas programadas para a turma 201

Primeira aula – 18/8

Primeira aula da turma 201 terá a mesma proposta das turmas 53 e 62, mudando apenas o espaço da sala de aula, para um espaço na escola.

Segunda aula – 25/9

Aula no Laboratório de informática. Projeção de imagens em PowerPoint sobre Impressionismo. Seleção de imagens de obras com seus respectivos autores.

Terceira aula – 01/9

Desenho de observação no pátio da escola.

Os alunos deverão escolher um espaço da escola para desenhar.



Figura 16 – desenho de observação.

Quarta aula 08/9

Aula sobre o movimento artístico Pós-Impressionismo.

Aula realizada no Laboratório de informática com a projeção de imagens em PowerPoint.

Quinta aula – 15/9

Em um primeiro momento os alunos deverão retomar o desenho de observação e trabalhar nele, colori-lo, com um olhar pós-impresionista.

Os alunos foram orientados na utilização dos materiais (pasteis secos e oleosos).

Em um segundo momento os alunos deverão desenhar um espaço da escola de memória, utilizando os recursos materiais de desenho.



Figuras 17 e 18 – Desenho de memória e de observação.

Sexta aula – 29/9

Análise e discussão da produção da turma até então.

Exposição dos desenhos e explanação de idéias.

Sétima aula – 06/10

Aula sobre Arte Moderna, com projeção de imagens em powerpoint. Explanação de conteúdos e discussão sobre o movimento.

Oitava aula – 13/10

Proposta aos alunos da produção de um projeto. O projeto poderá ser uma intervenção artística em um espaço da escola ou um auto-retrato, ambos projetos deverão partir do desenho.

Nona aula – 20/10

Explanação e discussão sobre as idéias surgidas para os projetos dos alunos.

Orientação quanto à utilização de materiais. Projeção de imagens de arte urbana.

Décima aula – 03/11

Entrega dos projetos e análise em conjunto do entendimento da turma sobre a proposta do projeto.

Reflexão sobre arte e os conteúdos abordados durante o estágio.

Aulas programadas para a turma 203

Os conteúdos e práticas de aula aplicados na turma 203 serão os mesmos da turma 201.

As datas serão as mesmas, pois ambas as turmas são às quintas-feiras, mudando apenas o período.